Rodrigo André Cichowicz

MESSIANISMO DE JESUS:
Caminho alternativo frente às tentações

ICSFA

Rodrigo André Cichowicz é Frade Menor, membro da Província São Francisco de Assis no Brasil. Possui licenciatura plena em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição (FAFIMC), Viamão, RS; bacharelado em Teologia, pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF), Porto Alegre, RS; e pós-graduação em Assessoria Bíblica, pela Escola Superior de Teologia (EST) e Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), São Leopoldo, RS.

Atua na área da formação de novos frades, nas pastorais junto à Lomba do Pinheiro, Porto Alegre. Assessora cursos de formação ligados à ESTEF.

Rodrigo André Cichowicz

Messianismo De Jesus:
Caminho Alternativo Frente Às Tentações

ICSFA, 2021

PORTO ALEGRE – RS
ICSFA 2020

Província São Francisco de Assis no Brasil
Av. Juca Batista, 330 – B. Ipanema
91770-000 – Porto Alegre – RS
CNPJ: 35.332.968/0001-08

EQUIPE EDITORIAL
Coordenação: Fr. João Carlos Karling, OFM e Fr. Arno Frelich
Revisão: Fr. Pácido Robaert, OFM
Diagramação e Editoração: Fr. Arno Frelich, OFM
Capa: arte – Frei Arno Frelich, OFM – Imagem(ns): https://estiloadoracao.com/wp-content/uploads/2016/05/A-Tenta%C3%A7%C3%A3o-de-Jesus.jpg

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C568 Cichowicz, Rodrigo André
Messianismo de Jesus : caminho alternativo frente às tentações [recurso eletrônico] / Rodrigo André Cichowicz – Porto Alegre: ICSFA, 2021.

Dados eletrônicos.
2560 Kb.
98 p.

Modo de acesso:
https://www.franciscanos-rs.org.br/ebook-messianismodejesus.pdf
ISBN 978-65-88060-13-1.

1. Deus. Pai. 2. Jesus. 3. Espírito. 4. Tentação. 5. Diabo. 6. Caminho. 7. Comunhão. 8. Libertação. II. Título.

CDU 230 (O.F.M)

Bibliotecária responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416

Imprima-se
Porto Alegre, 04.08.2021
Dom Fr. Jaime Spengler, OFM
Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre

Aprovação
Porto Alegre, 14.04.2021
Frei Marino P. Rhoden, OFM
Ministro provincial – PSFAB

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 5

1 FOTOGRAFIA LUCANA..... 9

1.1 Quem é “o autor” do Evangelho, quando e para quem escreve?..... 9

1.2 Conhecendo a comunidade lucana 12

1.3 Ótica do Evangelho de Lucas 13

1.4 O caminhar lucano..... 19

1.5 Perspectiva Trinitária: Pai, Filho e Espírito..... 21

2 SITUANDO A PERÍCOPE: LC 4,1-13..... 27

2.1 Contexto literário..... 27

2.2 Localização da perícope 30

2.3 Estrutura da perícope..... 32

3 TENTAÇÕES: MESSIANISMO POSTO À PROVA. 39

3.1 Tudo posso para saciar-me? (Lc 4,3-4) 54

3.2 Posse e adoração: uma relação perigosa (Lc 4,5-8) 57

3.3 Desafiar Deus publicamente: o que representa? (Lc 4,9-12) 60

4 PROPOSIÇÃO MESSIÂNICA: COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO 65

4.1 A possibilidade da rejeição 67

4.2 Missão que evoca a oração e oração que inspira a missão: Lc 11,1-4 71

4.3 Práxis de humanização e libertação: Lc 9,10-17 84

CONCLUSÃO 95

REFERÊNCIAS 97

INTRODUÇÃO

Se Jesus é tão bom, porque deveria Ele ser tentado pelo diabo? Em um primeiro momento, somos levados a crer que o diabo deve ser muito mau mesmo. Por isso é necessário se cuidar muito dele. Esse conhecimento popular, importante – mas também insuficiente, e ao mesmo tempo inquietante – motiva-nos a estudar um pouco mais sobre as tentações de Jesus.

Para fins de delimitação, devemos tomar conhecimento do contexto da época, ressaltando aspectos significativos para este estudo. Chegando a tal ponto, se faz necessário optar por uma determinada fonte literária que nos sirva de linha orientadora da reflexão. Considerando a proposta de cada Evangelho, a riqueza dos detalhes, o Evangelho tomado como referência é o de Lucas, principalmente pela clara opção pelos pobres a partir do elemento simbólico do caminho da margem para o centro,

intrínseca no seu Evangelho. Porém, não desconsiderando aspectos importantes presentes nos outros Evangelhos.

Assim, no primeiro capítulo abordaremos questões pertinentes e significativas sobre o Evangelho de Lucas. Considerar-se-á a identificação do evangelista, seu contexto, a partir do qual escreve e para quem escreve, sua proposta presente nas entrelinhas do Evangelho, a proposição do caminhar e a dimensão trinitária. Elementos todos importantes para o desenvolvimento da perícope a ser aprofundada (Lc 4,1-13).

O segundo capítulo será dedicado ao conhecimento do contexto da perícope estudada (Lc 4,1-13). Isso a partir do contexto literário, da localização e da estrutura dessa. Um fundamento importante que nos oferece elementos para aprofundarmos o texto.

A hermenêutica, a exegese e a mensagem da perícope das tentações será abordada no terceiro capítulo. Serão ressaltados os desafios da missão de Jesus, aquilo que Ele enfrentou em nome da fidelidade ao projeto do Pai e como soube resistir, e compreender sua missão a partir das tentações.

Não ficamos, porém, só na compreensão de Jesus, de qual seria sua missão, de qual era o projeto de Deus em Jesus e para a humanidade. No quarto e último capítulo, o foco será a resposta prática, concreta de Jesus. A sua ação no meio do povo. O seu ensinamento aos discípulos e às pessoas que o seguiam. Faremos isso a partir de duas perícopes. A primeira, ressaltando a oração de Jesus, no Espírito, com o Pai e com o Reino, através da oração do Pai Nosso (Lc 11,1-4). E a segunda, enfatizando a ação prática de Jesus, a partir de uma necessidade primária do ser humano, o alimentar-se, porém, não sem partilhar (Lc 9,10-17). Ambas abrangendo um projeto de comunhão e libertação.

Como proposta metodológica, para melhor compreendermos o estudo aqui realizado, apresentamos o método ver, rezar e agir. Destacando assim que Jesus vai conhecendo a realidade, as aspirações e os desafios do seu tempo e lugar. Essa realidade o desafia e, Jesus, através da oração, busca iluminação, busca compreender qual o plano de Deus para sua vida neste contexto. E, por fim, Jesus, movido pelo Espírito, fiel ao Pai, age sobre essa realidade

com uma proposta alternativa às que, até então, lhe haviam sido apresentadas. Nesse sentido, portanto, propomos o verbo rezar, com sentido semelhante ao de julgar, mas também com aspecto mais direcionado a uma forma específica de julgar.

Portanto, a intenção com este trabalho não é a de querer fundamentar tudo a partir das tentações. Mas, enfatizar que esse é um caminho a ser considerado na vida de Jesus. A fidelidade e o discernimento constante de Jesus o fizeram compreender qual projeto que levaria até o fim. E esse não acaba com sua morte, mas a transcende. A humanidade colhe os frutos do seu projeto e, não sem dificuldades, continua cultivando esse projeto enquanto se mantém fiel ao projeto amoroso de Deus.

1 FOTOGRAFIA LUCANA

Para bem chegarmos ao nosso foco principal (Lc 4,1-13), é importante aclararmos o contexto do Evangelho de Lucas. Quem é o autor – evangelista, a partir de qual realidade escreve e como escreve para essa realidade – descrição do seu foco e, por fim, quais chaves de leitura utilizaremos no texto, o caminhar e a perspectiva trinitária.

1.1 Quem é "o autor" do Evangelho, quando e para quem escreve?

A autoria de cada Evangelho é sempre um tema a ser debatido. Mas, segundo estudiosos, o autor tem sido mesmo Lucas, ou um grupo de pessoas coordenado por ele. Logo, cabe a nós conhecermos melhor as referências a esse evangelista, sua caminhada e sua proposta com o Evangelho.

As pesquisas indicam com segurança de que o Evangelho de Lucas teria sido escrito por volta do ano 85 d.C., por um amigo e companheiro de Paulo na missão, ao menos por certo tempo e que tinha boa base sobre a vida cristã.

> Provavelmente é ele o ‘querido médico Lucas’, mencionado na carta aos Colossensses (Cl 4,14). Lucas nasceu em Antioquia, cidade de mais de meio milhão de habitantes. Ele era um cristão convertido do paganismo ou, talvez, como Timóteo, filho de mãe judia e pai grego (At 16,1) (MESTERS; LOPES, 1998, p. 9).

Em Lc 1,1-4, após o reconhecimento de Lucas de que há muitos escritos sobre a vida, as obras e os ensinamentos de Jesus e sobre a forma de vida das primeiras comunidades(Lc 1,1-2), temos com nítida clareza a referência do Evangelho de Lucas, como uma obra trabalhada e organizada a partir de outros materiais já existentes (Lc 1,3). Ainda nesse versículo encontra-se o destinatário deste escrito: Teófilo.

Muito já se discutiu sobre quem seria Teófilo, a quem o autor destina o Evangelho (Lc 1,3) e também os Atos dos Apóstolos (At 1,1). O que sabemos é que nada consta, nem no Evangelho e nem nos Atos, no sentido de

que Lucas tenha tido uma preferência especial por alguma pessoa de destaque na sociedade daquele tempo. Pelo contrário! Mais do que os outros evangelistas, ele acentua a preferência de Jesus pelos pobres e excluídos (MESTERS; LOPES, 1998, p. 9).

Mas quem seria então esse destinatário ou comunidade interlocutora? Vemos que este nome, Teófilo, é dotado de um significado muito especial, logo poderia ser aferido também a um grupo de pessoas e não apenas a uma.

> O nome Teófilo significa pessoa que "ama a Deus" ou "é amada por Deus". Muito provavelmente Lucas não se refere a uma pessoa determinada, mas sim aos cristãos convertidos do paganismo, os "tementes a Deus" ou "adoradores de Deus" (MESTERS; LOPES, 1998, p. 9).

E ainda mais, Lucas contrapõe-se aos filósofos, amigos do saber, àqueles que confiam somente na sabedoria. Para Lucas a sabedoria deve vir acompanhada do amor. Do sentir o amor de Deus e da resposta amorosa a Deus.

E se Lucas escreve para um grupo de pessoas é sinal de que existem comunidades, por menor que possam ser, que seguem Jesus, e Lucas atua como líder desta comu-

nidade. A Essas comunidades Lucas caracteriza como Teó-filo (s), os amados e amantes de Deus.

1.2 Conhecendo a comunidade lucana

Mas quem seria essa comunidade, de onde vem? E quem a compõe? A grande possibilidade é que essa comunidade é formada por judeus e pagãos, com gente muito rica e gente muito pobre do mundo urbano.

Segundo Mesters e Lopes,

> havia muitos problemas nessa comunidade. Mas, eram, sobretudo, dois os problemas que levaram Lucas a recolher e a organizar, de maneira didática e sistemática, o material que as comunidades conservavam e transmitiam a respeito de Jesus (1998, p. 10).

Destaca-se a tensão entre cristãos, vindos do paganismo, e cristãos, vindos do judaísmo, e a tensão entre ricos e pobres, dentro das comunidades, vindas do paganismo. Sobre esse último aspecto, Lucas queria mostrar que é impossível manter a vivência e a ideologia do sistema escravagista do império e, ao mesmo tempo, continuar a ser cristão.

1.3 Ótica do Evangelho de Lucas

Depois de termos conhecido um pouco mais sobre a realidade dentro da qual Lucas escreve, o trabalho de agora é compreender melhor qual seu ponto de partida. Qual sua mensagem? A que ele dedica maior atenção? O que quer com seu Evangelho? A quais objetivos atende? Enfim, qual é a ótica do evangelista?

Primeiramente, consideremos que Lucas não cria sua própria reflexão do nada. Ele tem um princípio, um modelo, um caminho já percorrido, ou melhor, vários caminhos trilhados, várias reflexões feitas em diferentes contextos sobre o mesmo assunto. Disso Lucas tem conhecimento.

> Lucas foi recolhendo as tradições que, nas próprias comunidades, se transmitiam sobre Jesus. Ele investigou a história, consultou pessoas que foram testemunhas oculares ou ministros da Palavra, utilizou os evangelhos que outros já tinham escrito. Juntou muito material. Muito mais do que podia caber num pequeno livro! Ele teve que fazer uma seleção. O critério que o ajudou a selecionar o material e a encontrar o jeito certo de apresentá-lo eram os problemas concretos das comunidades que acabamos de descrever. As comunidades precisavam perceber que o ensinamento recebido era sólido (Lc 1,3) (MESTERS; LOPES, 1998, p. 11).

Na sua seleção de textos, pode-se afirmar que,

> no geral, Lucas segue o Evangelho de Marcos. Às vezes, copia-o literalmente. Outras vezes, quando o problema da comunidade ou a situação do povo o exige, toma a liberdade de introduzir pequenas mudanças na maneira de relatar as palavras e os gestos de Jesus (MESTERS; LOPES, 1998, p. 11).

Embora não possamos ignorar a existência de outras fontes, como o próprio Lucas afirma (1,1-3). Seu Evangelho é escrito a partir de um trabalho de pesquisa, realizado em diferentes e diversas fontes sobre Jesus, em junção com a realidade que precisa de incentivo, ânimo, luz para enfrentar os problemas e continuar sua caminhada.

> Em Jesus está concentrada toda a história humana iniciada com Adão. A imagem de Deus impressa no primeiro homem aparece agora em toda sua verdade em Jesus. Jesus de Nazaré, filho de José, não é um homem abstrato, mas 'um homem' inserido no processo das gerações bíblicas, em que cada nome reassume um fragmento de pecado ou de esperança. Através da solidariedade com esta história, Jesus está no centro do plano salvífico universal (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 55).

Esta comunidade, referida como destinatária ou interlocutora do Evangelho de Lucas, precisa de uma palavra terna, mas ao mesmo tempo firme para não se perder nas adversidades do seu contexto e nas divergências internas que enfrenta. Lucas oferece uma palavra provocadora e

animadora. Seu foco é apresentar, segundo sua visão: que alternativas e respostas Jesus daria para os problemas dessa comunidade? Assim, podemos perceber que, Lucas fundamenta-se em dois pilares: os ensinamentos de Jesus e a realidade de sua comunidade.

> Em tudo, ele se orienta por uma dupla fidelidade: ao que Jesus ensinou e às comunidades sofridas que estavam precisando de uma palavra de conforto. A preocupação de ajudá-las a enfrentar seus problemas percorre o Evangelho de Lucas de ponta a ponta e amarra todas as suas partes pelo lado de dentro. Lucas é um verdadeiro intérprete. Ele manteve as duas línguas, a de Jesus e a do povo das comunidades, e passa de uma para outra (MESTERS; LOPES, 1998, pp. 11-12).

Uma das características significativas sobre esse Evangelho é que nele encontramos um Deus que está na vida (casa) das pessoas e não só no Templo (lei). Por isso enfrenta conflitos com quem pensa diferente. Um Deus que compartilha da realidade, com suas luzes e desafios.

Diante dessa realidade, segundo Lucas, Deus propõe a prática da partilha, a igualdade e não mais teologia da retribuição, riqueza (graça), pobreza (desgraça). Partindo desse princípio, o projeto comunitário é igual ao Reino de Deus, construído já agora.

Lucas parte do reconhecimento do Jesus pobre, destacando sua origem pobre (1,52; 2,7-8; 2,24; 9,58). Também, no Evangelho de Lucas percebemos uma clara opção pelos pobres e excluídos (2,8-20; 4,18-19; 6,20-21; 14,12-14). E ainda, encontramos a firme postura de Jesus contra as riquezas (9,23; 12,13-21; 12,30-31,12,33-34; 16,9-12; 16, 14-15; 16,19-31; 18,24-25).

Segundo Lucas, Jesus coloca-se junto e em defesa justamente daqueles que eram considerados desgraçados e impuros pela lei judaica. Lucas propõe a reintegração dessas pessoas.

> Este Evangelho se qualifica de repente como anúncio da 'boa nova' para os pobres. Com efeito, um clima de alegria e de festa permeia os episódios em que Jesus mestre fala ao povo, cura os doentes, aproxima-se dos excluídos, come com os pecadores, acolhe as mulheres e abençoa as crianças. Todas essas categorias de pobres são os protagonistas do Evangelho de Lucas, os destinatários do alegre anúncio e das primícias da salvação (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 11).

Lucas não se contenta com a realidade, mas quer transformá-la. Tanto que, se formos analisar cuidadosamente, perceberemos que o sentido da esmola se aproxima com a proposta de redistribuição das riquezas e libertação, não somente de migalhas dispensáveis. Esta carac-

terística evidencia-se mais ainda, levando em consideração que Lucas é o evangelista que enfatiza a caminhada da periferia para o centro.

> A caminhada de Jesus tem como meta Jerusalém, centro e símbolo do antigo povo de Deus, coração de todas as expectativas e esperanças de Israel. Mas, Jesus vai a Jerusalém para consumar o seu projeto e levar a cumprimento todas as profecias. É uma caminhada rumo à morte, para entrar na glória (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 13).

Embora aqui haja um dado que devemos compreender, Jesus não teve como princípio buscar a própria morte, mas a libertação dos excluídos à custa da própria vida.

> A meta da caminhada de Jesus e dos discípulos não é a morte, mas a libertação plena e a vida nova, de que eles já possuem uma antecipação nos gestos de acolhimento e nas palavras de misericórdia e de perdão de Jesus (15; 19,1-10) (FABRIS; MAGGIONI, 1992, pp. 19-20).

A morte é consequência da luta por vida plena para todos e todas.

Ressalta-se ainda que Jesus não anda só, mas tem discípulos e pessoas que o seguem. Existe quem criou uma expectativa referente ao seu projeto. Negar isso, além de ser uma negação a Deus, é um fator a frustrar a libertação que vem sendo construída com muito custo. “Há uma construção do Evangelho que, por meio de palavras e gestos, põe

em primeiro plano o aspecto salvífico e libertador da missão de Jesus" (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 18).

Logo, sua opção não deve ser feita pensando somente em si, mas nas pessoas que o cercam e no projeto do Pai e do Espírito.

> A linha ou perspectiva teológica de Lucas não é fruto de escolhas privadas ou de preferências pessoais, mas reflete as preocupações e os questionamentos das comunidades e do ambiente cristão em que Lucas vive e atua (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 16).

Enfim,

> Lucas é o evangelista dos pobres. Ele escreve uma obra que integra na pregação e no seguimento de Jesus, assim como na ação da comunidade criada pelo Espírito, as categorias de pessoas colocadas fora da organização social e religiosa do seu tempo (BOFF, 1996, p. 15-16).

Sua opção é a libertação das pessoas sobre as dificuldades das comunidades. Esta superação tem caráter salvífico. Pois, povo libertado, que construiu a sua própria história, é povo salvo das alienações e desgraças infiltradas nas culturas e comunidades, dificultando as relações e a vida comunitária. "Lucas é o evangelista que releu a obra e o ensino de Jesus sob um ponto de vista particular, ressaltando o seu valor salvífico" (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 204).

1.4 O caminhar lucano

É importante aqui destacar a ligação do Evangelho de Lucas com o livro dos Atos dos Apóstolos. Mas, por que dentro da perspectiva do caminhar lucano? Em primeiro plano, pelo fato de que as pesquisas nos apontam Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos como sendo do mesmo autor. Em segundo plano, o livro dos Atos dos Apóstolos (1,1) é apresentado como continuidade do Evangelho de Lucas (1,3).

Podemos perguntar-nos, mas por que caminhar lucano? Caminhar reflete ação, faz referência à ação de Jesus, narrada segundo Lucas. Mas também por que Lucas caracteriza-se por ser o evangelista que destaca a caminhada de Jesus da periferia para o centro: no Evangelho, da Galileia a Jerusalém; nos Atos dos Apóstolos, de Jerusalém a Roma.

Maria acolhe o anúncio do anjo Gabriel na Galileia (1,26-38). E da Galileia parte sua missão (4,14). Jesus inicia sua missão junto aos pobres da Galileia (4,15-21). De lá parte a Jerusalém, mas não só, leva consigo o projeto de

Deus, projeto de amor, libertação e salvação, e todos os que, com Ele, lutam e acreditam nessa libertação (9,51: 10,1).

Assim, com base no próprio Evangelho de Lucas, podemos dividi-lo em quatro partes: Introdução e prólogo: 1,1-4,12; Ser ação de Jesus: 4,13-9,50; Subida a Jerusalém: 9,51-19,27 e, por fim, a Atividade em Jerusalém: Paixão, Morte e Ressurreição: 19,28-24,52.

Jerusalém é o centro do sistema judaico, é o centro do poder da Lei. O projeto de Deus em Jesus ali não encontra espaço. Nesse contexto, onde reina a Lei, amor e libertação são subversões. Desse modo, Jesus acaba morto por um sistema opressor, como baderneiro, perverso à Lei.

Mas, a caminhada não acaba com a morte de Jesus. A ressurreição e a ascensão de Jesus dão prova do amor e do poder de Deus, que inspira a continuidade da missão, por meio dos apóstolos (24,46-53). Em Atos (1,8; 2,1-13), o Espírito move os apóstolos para continuar sua missão. Daí faz nascer as comunidades cristãs para viver e anunciar Jesus e, em Jesus, a ação libertadora de Deus em toda a humanidade.

Anunciar a toda humanidade significa ir também ao centro do mundo, Roma. O Império do poder. O livro de Atos apresenta-nos Paulo como o responsável por essa chegada ao centro do Império dominante (At 28,16; 30-31), anunciando a Jesus Cristo.

1.5 Perspectiva Trinitária: Pai, Filho e Espírito

Partimos aqui de que Jesus nasce da ação do Espírito Santo (1,35). Na visita de Maria a Isabel, o Espírito já está agindo: Maria está grávida (1,41). Jesus é fruto da ação do Pai e do Espírito e da acolhida da pessoa humana na sua vida, 'Marias, Josés, ...'.

> Já no anúncio a Maria, Lucas tinha antecipado a profissão de fé cristã em Jesus, o santo, o Filho de Deus, porquanto, desde suas origens humanas, ele estava sob a ação da potência criadora e santificadora de Deus, o Espírito Santo (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 53).

No entanto, é no batismo que Jesus recebe o pleno Espírito do Pai, já como anúncio de Filho, escolhido para sua missão. A descida do Espírito, que habilita Jesus oficialmente à sua missão, é a própria revelação da sua identidade de Filho de Deus (BOFF, 1996, p. 24). "A voz

divina declara Jesus Filho de Deus. Visto ter sido gerado pelo Espírito, por isso mesmo Ele já é Filho de Deus (1,32.35)" (STÖGER, 1973, p. 129).

> O batismo de Jesus, portanto, marca uma etapa decisiva na história da salvação por duas razões: porque Jesus, ao tomar consciência de sua vocação, abre-se ao desígnio do Pai e entra em estreita relação com o Espírito para realizar a sua missão (BOFF, 1996, p. 25).

A partir do batismo, Jesus é, e deixa-se guiar pelo Espírito. O próprio dom do Espírito de Deus o faz viver sua identidade de Filho de Deus, que o leva a assumir inclusive riscos e perigos extremos, com fidelidade ininterrupta.

Basta observarmos que, no Batismo, Jesus recebe o Espírito; na Cruz, somente na Cruz, Ele o entrega ao Pai (Lc 23,46). Não é em qualquer momento da sua vida, mas na cruz, e somente na cruz, na hora da morte. Quer dizer, esteve sempre com Ele e só o entrega na hora de sua extrema doação. Na cruz é que Jesus dá por completada sua missão, e ali sente-se na mais perfeita comunhão com o Pai. Concomitante a um momento extremamente tenso, há ali um sentimento de dever cumprido por parte de Jesus com o Pai. Seu Espírito é o mesmo Espírito do Pai, a perfeita comunhão da Trindade. E a revelação dessa plena comu-

nhão é apresentada na vitória de Deus sobre a morte de Jesus através da ressurreição.

"O batismo mostra Jesus como Messias que agora inicia sua obra pela força do Espírito" (SCHNACKENBURG, 2001, p. 251). Não se quer dizer aqui que agora Jesus possui o Espírito, logo está pronto, destino traçado, inevitável, determinado. Muito pelo contrário, na força do Espírito, Jesus toma decisões, traça metas, abre caminhos. Na força do Espírito, compromete-se com aqueles que têm suas forças e sua liberdade encobertas por um sistema opressor. Portanto, esse mesmo Espírito, que Jesus recebe, está ligado à libertação, à salvação, pois leva Jesus a assumir tal compromisso.

> A unção de Jesus com o espírito Santo está relacionada diretamente com os pobres. Para estes, Jesus vem anunciar a libertação do rebaixamento a que são submetidos, resgatar-lhes a dignidade de pobres e realizar a antiga promessa dos patriarcas e profetas de devolver-lhes a esperança e a alegria que sempre buscaram (BOFF, 1996, p. 28).

Interessante perceber que "no batismo de Jesus, João nem é mencionado, porque o seu tempo acabou; agora é tempo do Messias, que pode dar o espírito porque sobre ele

desceu o Espírito Santo de maneira definitiva" (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 53).

Outro elemento importante a ser ressaltado é que

> só o evangelista Lucas inscreve num contexto de oração a cena da investidura do batismo, a descida do Espírito e a proclamação celeste de Jesus como filho único e escolhido para uma tarefa histórica de salvação (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 187).

A oração cria relação e intimidade com o Pai e mantém o Espírito vivo em Jesus, no compromisso com os pobres e excluídos.

Por meio do Espírito do Pai, Jesus é levado a anunciar e também a denunciar. "O Espírito não o capacita apenas para as boas ações de cura, mas também com o poder de suprimir os inimigos externos que Lucas atribui às intrigas do demônio" (SCHNACKENBURG, 2001, p. 151). O Espírito é que inspira as palavras e obras de Jesus, mas também é Ele que dá força a Jesus nos momentos de provação.

> As primeiras três sequências do evangelho de Lucas, cujo protagonista é Jesus, desenvolvem-se sob o signo do Espírito. No batismo, o Espírito Santo desce sobre Jesus; nas tentações, Jesus é guiado pelo Espírito; a pregação inaugural de Nazaré é a manifestação salvífica do profeta enviado com o poder do Espírito (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 59).

Desse mesmo modo, todos “os grandes períodos de sua vida descortinam sempre de novo a posse do Espírito” (STÖGER, 1973, p. 129). E essa posse do Espírito está ligada sempre à oração. Essa tem um espaço e significado muito importante no Evangelho de Lucas. A cada passo, a cada decisão assumida, o Espírito se faz novo, se revivifica na vida e na ação de Jesus. “Jesus é o homem do Espírito, que realiza o plano do Pai no meio do seu povo” (BOFF, 1996, p. 64).

> Desde as origens, Jesus foi concebido por obra do Espírito; com o batismo, faz sua experiência do Espírito; por isso pode dar início à missão desse Espírito e falar aos seus seguidores da força do Espírito da verdade no trabalho do Reino de Deus (BOFF, 1996, p. 64).

A partir disso, pode-se afirmar que com a vinda do Espírito no momento do batismo, Jesus toma consciência de sua identidade como Filho de Deus, com uma missão específica, para a qual Ele deve encontrar a melhor forma de concretizá-la. Por isso, toma a iniciativa pessoal de seguir a inspiração do Espírito de Deus de retirar-se para o deserto e, assim, conscientizar-se mais profundamente da missão que o esperava (BOFF, 1996, p. 25).

> Batismo e tentação formam, na intenção de Lucas, um díptico que ilustra o mesmo tema: Jesus se revela Filho de Deus.

Aquele que é proclamado ‘Filho único’, após a descida do Espírito Santo, agora, sob a guia do mesmo Espírito, vai ao deserto, onde será posta à prova a sua qualidade de ‘Filho de Deus’ (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 56).

2 SITUANDO A PERÍCOPE: LC 4,1-13

2.1 Contexto literário

É importante, inicialmente, lembrar que esse mesmo texto de Lucas está presente também nos outros Evangelhos. Esse é aludido por Marcos (1,12-13). Narrado com grande riqueza de pormenores em Mateus (4,1-11), com a inversão das duas últimas tentações. E João coloca-as no decorrer do seu Evangelho (6,26-31; 6,15; 2,18). Logo, não é invenção de Lucas. É uma fonte literária que Lucas adapta ao seu contexto, mantendo a originalidade do conteúdo.

As tentações de Jesus são frutos de uma época marcada por compreensões e pensamentos muito fortes. O satanás, que representa o pensamento predominante da época que não compreendia o significado de Jesus como Filho de Deus, pensava numa filiação moral, presente no Antigo Testamento (LANCELLOTTI, 1985, p. 55). E,

portanto, Jesus tem que provar que é Filho de Deus e honrar sua filiação. Além disso, havia o grande anseio da classe excluída por um rei poderoso, milagroso (mágico), enviado por Deus para resolver todos os problemas.

Ainda, não se pode acreditar que Jesus teve um caminho aberto à sua frente, com uma “bola de cristal” lhe mostrando os caminhos que deveria percorrer. É perceptível, nos evangelhos, que as tentações se mostram como crises de discernimento que vão fazendo com que Jesus tenha seu caminho aclarado.

Prova disso vem da consideração dos lugares em que Jesus é tentado. Adotemos como identificador o Evangelho por nós aqui estudado. Lucas destaca três pontos referenciais: o deserto (4,1), o lugar alto (4,5) e o pináculo do Templo (4,9).

No deserto, o povo é posto à prova e começa a murmurar. É o lugar em que a vida se coloca como desafio enorme. Estar no deserto, com fome, revela radicalidade. Não é o mesmo que estar com fome e dinheiro no bolso em frente a um mercado ou padaria. No deserto, teoricamente, não há nada ao redor que possa servir de alimento. E é ali

que Deus alimenta seu povo na hora da dificuldade (Ex 16,9-16).

> No deserto, lugar clássico da verificação e da prova do povo de Deus, Jesus rejeita decididamente o caminho do prestígio fácil, do poder, do privilégio, e escolhe o caminho da fidelidade (4,1-13). Um caminho que se concluirá na suprema provação de Jerusalém: a morte de cruz (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 49).

O lugar alto é o espaço da segunda tentação (4,5). A partir dele é possível uma visão panorâmica sobre a região toda. Simboliza distância e domínio sobre o povo. Jesus tem o poder de reger, reinar como absoluto, no controle sobre tudo e todos e, ao mesmo tempo, sem compromisso concreto com o povo.

Já o pináculo do Templo (4,9) ocupa o centro do mundo urbano, Jerusalém. Jesus está no centro do poder e acima das pessoas, inclusive dos sacerdotes. Todos podem ver e admirar a ação miraculosa de Jesus. Ele é o centro absoluto e, deste lugar, põe Deus à prova.

O fato de as tentações acontecerem em lugares diferentes revela que Jesus não está estático em um determinado lugar, esperando ser tentado. Mas, as tentações ocorrem na dinâmica da vida. Outro destaque é a dimensão

ampla do conjunto desses três espaços e com características bem diferentes.

Assim, Lucas quer mostrar Jesus, vencedor das seduções do maligno, como um modelo em quem os batizados, homens e mulheres, devem se inspirar na luta pela fidelidade ao compromisso batismal. Ao mesmo tempo, quer deixar claro que a vitória sobre o mal é conquistada com a força de Deus, com o espírito de Deus (BOFF, 1996, p. 26).

2.2 Localização da perícope

Temos, antes dessa perícope, João Batista denunciando um sistema escravizador, repreendendo inclusive as autoridades da época (Lc 3,19). Tal repreensão lhe custa a liberdade (Lc 3,20). Encontramos ainda o Batismo de Jesus e o anúncio deste como Filho amado de Deus (Lc 3,21-22). E, por fim, encontramos a genealogia de Jesus (Lc 3,23-38).

Jesus não é um ser mítico, ele se inscreve numa linha horizontal, histórica, concreta, a qual, por meio de José, o

insere na dinastia real como ‘Filho de Davi’, no povo da aliança, como ‘Filho de Abraão’ e na solidariedade com todos os homens, como ‘Filho de Adão’, sendo ele chamado aqui ‘Filho de Deus’. Pressente-se que a missão do Filho, além do programa messiânico de restauração do trono de Davi, será a de restituir a todos os filhos de Adão essa filiação, perdida com a aspiração à autonomia absoluta (ser ‘como deuses, conhecendo o bem e o mal’, Gn 3,5).

Não é por acaso que logo depois da recordação da figura de Adão vem o “episódio” da Tentação (vv. 1 a 13). O texto usa, ao mesmo tempo, dois registros bíblicos: pela localização ‘no deserto’, pela menção dos ‘quarenta dias’ (v. 1) e pelas respostas de Jesus, tiradas do Deuteronômio, a narração marca simbolicamente que Jesus revive as provações do povo de Deus no deserto, depois da saída do Egito. Mas, ao mesmo tempo, o ‘Diabo’ reproduz para Jesus a substância da tentação adâmica, propondo-lhe o ato ímpio por excelência na mentalidade bíblica: agir por si mesmo e para si mesmo (L’EPLATTENIER, 1993, pp. 45-46).

Posterior à perícope das tentações, está situado o início da atividade missionária de Jesus e a fama de Jesus começa a se espalhar (Lc 4,14ss). Pode-se afirmar que é aqui que se dá o início da vida pública de Jesus. Este não está mais no anonimato. Existe conhecimento sobre Ele e uma grande esperança do povo.

2.3 Estrutura da perícope

"Jesus, pleno do Espírito Santo, voltou do Jordão" (Lc 4,1a). Jesus está repleto do Espírito, possui-o em plenitude. "Seu peregrinar e seu atuar Ele os realiza em conformidade e com a força que o Espírito Santo nele produzia" (STÖGER, 1973, p. 132).

"Era conduzido pelo Espírito através do deserto, durante quarenta dias, e tentado pelo diabo" (Lc 4,1b-2a). O Espírito leva Jesus ao deserto para ser tentado pelo diabo. Porém, não se pode afirmar categoricamente que esse era o único objetivo da ida de Jesus ao deserto. Também não está dito, mas deve ser considerado que Espírito que acompanha Jesus ao deserto, enquanto Este é tentado pelo diabo, "é o

mesmo ‘Espírito de Deus’ que descera sobre Jesus no momento do batismo” (LANCELLOTTI, 1985, p. 54). Pois,

> o fato de ser conduzido revela obediência e confiança. Jesus crê que o Espírito sabe por onde o conduz, assim como Deus conduzia o povo no deserto, desviando dos inimigos (Ex 13,20-21). No primeiro momento, a obediência de Jesus é um sinal positivo desse filho amado que confia no Pai (3,17). No segundo momento, no entanto, aparece a finalidade desse desvio para o deserto: ser tentado pelo diabo (MAZZAROLO, 2005, pp. 61-62).

“Nada comeu nesses dias e, passado esse tempo, teve fome” (Lc 4,2b). Lucas, posteriormente, comenta sobre o jejum de Jesus. Um aspecto determinante frente às consequências deste.

> O jejum de Jesus, que se estendeu por quarenta dias..., lembra o jejum de Moisés no monte Sinai (cf. Ex 24,18) e o de Elias no deserto (cf. 1Rs 19,8). Serve como preparação para a grande missão que Jesus vai iniciar (LANCELLOTTI, 1985, p. 54).

“Disse-lhe, então, o diabo: ‘Se és Filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão’. Replicou-lhe Jesus: ‘Está escrito: Não só de pão vive o homem’” (Lc 4,3-4). A primeira tentação já é consequência direta e faz referência ao próprio jejum: transformar pedra em pão. Como resposta ao diabo, Jesus recorre à escritura. Para

entender por que Jesus recorre à escritura deve-se ter presente que, “num ambiente judaico, como, por exemplo, nos círculos rabínicos, o recurso à Sagrada Escritura constituía o argumento decisivo em qualquer discussão” (LANCELLOTTI, 1985, p. 55).

A Escritura é, desde o início, a base de Jesus. Isso deixa claro que não é simplesmente por força própria ou pela força da Lei que vence as tentações, mas pela graça de Deus. O argumento não é seu, mas da Escritura Sagrada. Esse fundamento Jesus utilizará também nas outras tentações. Sendo que, na última, também o diabo utiliza a Sagrada Escritura, de forma distorcida, é claro. Mas, Jesus o corrige aplicando retamente o argumento.

“O diabo, levando-o para mais alto, mostrou-lhe num instante todos os reinos da terra e disse-lhe: ‘Eu te darei todo este poder com a glória destes reinos, porque ela me foi entregue e eu a dou a quem eu quiser. Por isso, se te prostrares diante de mim, toda ela será tua’. Replicou--lhe Jesus: ‘Está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a ele prestarás culto’” (Lc 4,5-8). A segunda tentação de

Jesus é ainda mais forte. Jesus é tentado a adorar o diabo e, em troca, possuir todos os reinos do mundo.

> O tentador revela o seu pensamento secreto. Ele não tem tanto em mira informar-se sobre a qualidade de 'filho de Deus' de Jesus, mas pretende desviá-lo do plano divino, induzindo-o a escolher o caminho de um messianismo terreno. Jesus responde secamente, opondo a Satanás o grande princípio do monoteísmo hebraico: o reconhecimento e o culto que se deve prestar a Javé como único Deus e soberano Senhor do mundo inteiro (LANCELLOTTI, 1985, p. 55).

Jesus não confia nos privilégios aprisionantes e interesseiros do diabo, mas na providência gratuita de Deus.

"Conduziu-o, depois, a Jerusalém, colocou-o sobre o pináculo do Templo e disse-lhe: 'Se és Filho de Deus, atira-te para baixo, por que está escrito: Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito, para que te guardem. E ainda: E eles te tomarão pelas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra'. Mas Jesus lhe respondeu: 'Foi dito: Não tentarás ao Senhor, teu Deus'" (Lc 4,9-12).

Há ainda a terceira tentação, trata-se de provar definitivamente Jesus como Filho de Deus. Jesus é tentado a se atirar de cima do pináculo do Templo e provar a capacidade mágica de Deus em salvá-lo. "Da falta de confiança na Providência o tentador passa para o extremo

oposto: a excessiva confiança, que chega a tentar o próprio Deus, coisa severamente condenada pela Bíblia" (LANCELLOTTI, 1985, p. 55). Porém, Jesus, amparado pela Escritura, defende-se novamente.

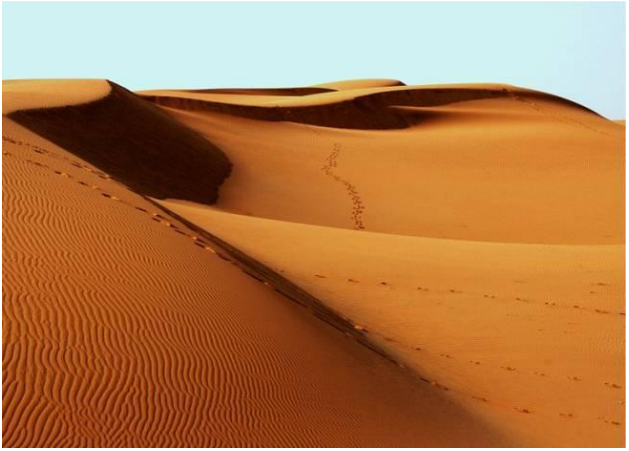
"Tendo acabado toda a tentação, o diabo o deixou até o tempo oportuno" (Lc 4,13). A atuação de Jesus começa com o triunfo sobre o demônio. "O tempo de Jesus é um tempo livre de satanás. Onde Jesus atua, de lá o diabo tem que recuar" (STÖGER, 1973, p. 137).

> Pode-se ver nisto uma antevisão da paixão, quando satanás entra em Judas, o traidor (22,3), e soa a hora para Jesus em que o poder das trevas o domina (22,53). Disso não se deve concluir que o tempo da atividade terrena de Jesus era um tempo livre do demônio, uma vez que também nesse período as forças demoníacas estavam em ação (10,17; 11,14-22; 11,24-26; 13,31-37). É, no entanto, um período no qual Jesus vence todos os poderes malignos e dá aos discípulos o poder de resistir a todos os ataques hostis (10,19) (SCHNACKENBURG, 2001, pp. 152-153).

É interessante observar aqui que este relato das tentações (Lc 4,1-13) é o primeiro e único momento em que o diabo mostra clara e descaradamente um estilo de disfarce para enganar Jesus. Visto que Jesus o reconhece e não cai na armadilha, nos demais momentos ele aparece num combate direto, frontal.

Podemos entender esse diabo, como todo aquele que é adversário do projeto de Deus feito carne no Jesus histórico. O diabo é aquele que impede a realização deste projeto e tenta colocar barreiras entre Jesus, o Espírito e o Pai e alienação de Jesus e do povo.

> Lucas frisa que o opositor toma iniciativa do ataque desencadeado contra Jesus, tentando-o como Filho de Deus, como é reconhecido no episódio do Batismo (Lc 2,22; 4,3.9) e como filho de Adão, como é declarado na genealogia (CASALEGNO, 2003, p. 97).



Fonte: https://estiloadoracao.com/wp-content/uploads/2016/05/A-Tenta%C3%A7%C3%A3o-de-Jesus.jpg

3 TENTAÇÕES: MESSIANISMO POSTO À PROVA

Neste terceiro capítulo, dedicaremos nossa atenção à exegese, hermenêutica e mensagem da perícope Lc 4,1-13. O que ela quer revelar sobre a vida de Jesus? E qual o sentido de a encontrarmos relatada no início da vida pública de Jesus? Por que é importante colocar este emblemático texto sobre Jesus? Que influência teve esta realidade na vida de Jesus? A partir de várias interpretações e estudos, vamos procurar desvendar um pouco mais este aspecto presente na vida de Jesus e destacado pelos evangelhos sinóticos.

Visando esclarecer o enfoque a ser dado, para iniciar a reflexão, enfatiza-se a seguinte hipótese: “Esse trecho serve para destacar melhor a identidade de Jesus-Messias, colocando às claras para o leitor qual é o messianismo que o Cristo procura viver” (CASALEGNO, 2003, p. 96). Este é o pano de fundo de toda a reflexão.

O conteúdo da perícope é muito denso. Oferece-nos base para interpretar toda a caminhada e missão de Jesus. De forma diferente, sim. Destacando a missão, o messianismo de Jesus a partir da provação, a partir do desafio, da dificuldade.

> Vale a pena destacar que a tríplice tentação apresentada no início da vida pública de Jesus tem valor simbólico. Também no final da sua vida Jesus é tentado por três vezes, quando já suspenso ao madeiro, o povo, os soldados e o malfeitor o convidam a descer da cruz e a salvar-se, renegando sua identidade de Messias (23,35-39). Mostrando que Jesus é tentado, quer no começo de sua atividade pública, quer no final, o evangelista pretende provavelmente dizer que toda a sua vida foi marcada pela tentação de um messianismo fácil, espetacular e mais ao alcance do homem, diferente daquele de entrega total segundo o plano da salvação. Jesus supera todas as tentações com sua doação generosa ao Pai, sem procurar interesses pessoais, sem desejar o aplauso dos homens. O tríptico inaugural mostra, assim, que, desde o início de sua vida pública, Jesus está consciente do seu mandato e das condições com as quais deve desempenhá-lo (CASALEGNO, 2003, p. 99).

Jesus é conduzido ao deserto. Lá é tentado pelo diabo. É significativo o elemento do tempo e do lugar. Esse é um elemento simbólico, representativo e importante, por isso deve ser considerado. O que significa para nós a experiência de Jesus no deserto?

> Durante quarenta dias foi tentado, numa analogia com os quarenta anos de deserto do povo. O número quarenta é

> símbolo do período útil da vida... Em outras palavras, esses quarenta anos significam a totalidade desta vida, pois são os anos em que a pessoa tem o domínio sobre si e desenvolve sua missão que ela vive plenamente (MAZZAROLO, 1999, pp. 60-61).

As tentações não são um momento marcado, num determinado lugar e momento da história. Jesus não tem um momento que é tentado pelo diabo e, depois, liberto completamente dessa possibilidade. As tentações acontecem em diferentes momentos de sua vida. Mas Ele as vence.

> O episódio não pode ser considerado uma narrativa histórica no sentido estrito da palavra por causa de certos pormenores claramente imaginários, como a 'levitação' do Salvador por parte do diabo que o levou ao pináculo do templo e a 'visão' de todos os reinos da terra e do alto de um monte, ainda que 'altíssimo', nem mesmo composição literária bem elaborada para destacar em forma dramática, o caráter próprio do messianismo de Jesus (LANCELLOTTI, 1985, p. 53).

Tudo concorre para esclarecer que "vencer as tentações não é uma questão de momentos, mas uma questão de todo o tempo" (MAZZAROLO, 1999, p. 61). Com Jesus foi assim, conosco também é assim. Portanto,

> o encontro, ou melhor, o confronto entre Cristo e o Diabo, embora não seja necessariamente algo visível, ocupa lugar de modo algum marginal na história evangélica, e assim não pode ser interpretado como simples fato literário (LANCELLOTTI, 1985, p. 54).

Convém voltarmos nosso olhar ao Jardim do Éden (Gn 13). Desde lá acontece a recaída na tentação. Acontece a negação de Deus. Jesus nos é apresentado qual novo Adão, também a sua genealogia vem desde Adão (Lc 3,23-38), Ele não pode recair no mesmo erro do primeiro Adão. Ele é mais forte, capaz de vencer o mal. "Repete-se assim a cena do paraíso terrestre, mas com resultado oposto. O novo Adão é mais forte que o tentador e sai vitorioso" (LANCELLOTTI; BOCCALLI, 1983, p. 69).

Não há dúvida que Jesus sofreu fortemente as tentações, mas Ele não se abalou, pois tinha clareza de sua missão. Para compreender o quanto foi difícil a missão de Jesus, é necessário compreender que, desde o início de sua vida pública, e até antes disso, Jesus foi tentado. Portanto, "a ida para o deserto é uma manifestação da messianidade de Jesus, da sua fidelidade ao Pai e da prova da unidade entre o Pai e o Filho em todos os momentos da missão" (MAZZAROLO, 2005, p. 62).

Entendendo melhor a narrativa, temos maior segurança também para afirmar que "o relato das tentações tem por objetivo primeiro afirmar a natureza humana de

Jesus, Filho de Deus: Ele está exposto aos riscos das criaturas humanas, porque é plenamente humano" (LEITE, 2002, p. 309). Jesus é humano, por isso é tentado, mas concomitantemente confia na graça divina e se entrega totalmente a ela, por isso supera todas as tentações.

Sabemos nós, em pleno século XXI, o quanto é difícil o viver da humanidade, no dia-a-dia, tomado por tentações e provações. Jesus vai além, precisa provar sua humanidade e sua divindade diante da tentação. Ser humano no divino e divino no humano, em que nem um e nem outro é respeitado. A tentação de Jesus expõe a fraqueza humana diante da graça e do amor de Deus. A tentação de Jesus, ao pô-Lo em conflito com o diabo, também O põe em confronto com o plano de Deus.

Jesus confiou-se a Deus e somente a Ele seguiu. "Jesus, durante sua vida terrena, orientou sua autodeterminação para um único absoluto. Sua prática de vida ratificou o argumento de rechaço a Satanás" (LEITE, 2002, p. 320). Quanto maior a tentação do Satanás, mais Jesus se afirmava em Deus e no Seu projeto.

O mais cômodo seria entregar-se às astúcias do diabo. “Seguir o caminho humano seria aderir ao poder de satanás, assim poderia ser evitada a cruz, mas ficaria comprometido o Reinado de Deus” (MAZZAROLO, 1999, p. 60). Onde toda a humanidade se sente perdida, desolada por cair nas armadilhas, Jesus supera tudo com confiança, coragem e firmeza. Não pensemos que a própria sociedade da época esperava um messianismo como Jesus apresenta. Queria muito provavelmente um messias que resolvesse seus problemas com a ‘magia divina’ ou se conformasse a eles.

“As tentações são a provocação para construir um messianismo no horizonte do poder e da barganha política” (MAZZAROLO, 1999, p. 60). As possibilidades de se desviar do caminho multiplicam-se permanentemente. No decorrer da história podemos perceber essas tentações presentes e atuantes.

> Nesta caminhada, as ‘encruzilhadas’ são constantes, e a possibilidade de escolher o caminho errado parece inevitável. Deste modo, as tentações não representam apenas um momento, nem na história de Jesus, nem tampouco, na nossa história. Essas encruzilhadas do engano e do equívoco são uma realidade que acompanha Jesus até a cruz (MAZZAROLO, 1999, p. 60).

Os modelos que geram morte estão inseridos em todos os lugares, diante disso é necessário perceber e discernir o caminho a seguir. Por exemplo, “se o missionário chega ao lado dos privilegiados, que se dão por evangelizados, frente aos povos conquistados, chega comprometido, não com o anúncio da Boa-Nova, mas com os interesses do poder, desqualificando o serviço à causa da Boa-Nova” (LEITE, 2002, p. 319).

Jesus veio principalmente para os menos favorecidos. Portanto, se justificamos um modelo excludente, sem um desejo prático de transformação, de libertação, não estamos seguindo o exemplo de Jesus, a proposta de Deus. Estamos nos deixando levar pelas finuras do diabo. Ou seja, não estamos cumprindo nossa missão evangelizadora.

> Temos aqui duas maneiras de ler a Escritura ou de interpretar o “caminho de Deus”. Nos lábios do diabo, a palavra de Deus serve para justificar o caminho do sucesso fácil, do poder e do domínio ou do prestígio espetacular. A linha de Jesus se contrapõe a essa, não por uma maneira sutil e hábil de manejar a escritura, mas por uma opção de fé. O caminho de Jesus, que vai ser concluído em Jerusalém, é o da fidelidade radical a Deus, apesar da oposição, da perda total do prestígio e do poder. Ele revelar-se-á “Filho de Deus” não mediante o privilégio do milagre fácil, o sucesso garantido, ou na base de uma proteção segura, mas no campo aberto das contradições,

> ambiguidades, limites humanos (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 56).

O diabo representa toda a dificuldade de Jesus na sua missão. “A tentação é uma provocação, um teste, uma demonstração de suficiência diante de algo oposto, de um perigo ou inimigo” (MAZZAROLO, 2005, p. 62). O diabo é o inimigo disfarçado, camuflado e manipulador, que procura cativar para o mal. É o poder do alienador buscando afirmar-se.

Simbolicamente, em Lc 4,1-2, o diabo, na sua artimanha, ataca Jesus no deserto. Pois,

> além de ser o lugar por excelência da morte, era também, na mitologia antiga, um lugar de espíritos maus, presságios e maus augúrios. O deserto era o lugar onde os sacerdotes despejavam os pecados do povo e deles próprios nos ritos de expiação (Lv 16) (MAZZAROLO, 2005, p. 62).

Assim, o demônio tenta passar a impressão do seu poder e da sua proteção, falsa e interesseira.

A partir de uma falsa proteção e de um enganado sentimento de segurança, a humanidade convive e é constantemente iludida com as tentações do diabo, e o pior é que, muitas vezes, cede a elas. O resultado está dado, o desastre é certo, a recaída para o mal é desoladora.

As tentações revelam a força do diabo atuando na sociedade. “Fundamentalmente elas representam toda a postura de pecado dentro de uma sociedade e todas as respostas de mal no mundo” (MAZZAROLO, 2005, p. 63). As tentações são as propostas negadoras da vida, da sacralidade da vida e do amor gratuito de Deus.

“Jesus, no entanto, vence o diabo em todas as suas provocações, supera todas as dificuldades e ratifica sua eleição de Filho amado” (MAZZAROLO, 2005, p. 62). Jesus confiou-se plenamente a Deus e a graça de Deus é maior que a astúcia do diabo.

> Vencendo as tentações nos dias de deserto, provou e comprovou sua perfeição, santidade e divindade e pode iniciar e desenvolver o anúncio da Boa-Nova e implantação do Reino do Pai sem qualquer risco de equívoco ou desânimo (LEITE, 2002, p. 309).

Nesta perspectiva é que poderemos compreender o jejum (Lc 4,2), como base da transformação, da libertação diante do mal.

> O jejum para vencer o diabo é uma exigência pedagógica e antropológica. É preciso fazer ascese e renúncias no caminho do discernimento. Quem não renuncia carrega consigo todos os percalços anteriores, não se liberta e não consegue ter vitórias necessárias. Quem não vende nada não adquire créditos para fazer as ‘compras’ que precisa. Jejuar é vender a mediocridade e a hipocrisia para comprar valores, nobreza

> humana e espiritual que lhe permitem fazer opções pelo perdão, pela reconciliação e pela inclusão. Jejuar não é um rito mágico que protege contra tentações ou desconta pecados na base de ritos, mas é uma capacidade de autodomínio contra os desejos mais simples das necessidades da natureza, e uma forma de autocontrole diante de outros desejos como os do ter, poder e prazer, que exigem o sangue dos justos, a morte dos fracos e a exclusão dos que nascem à margem (MAZZAROLO, 2005, p. 64).

Jesus não se deixa conduzir pelo instinto, pela irracionalidade tentadora, pela falsa propaganda, pelo desejo manipulado e feito necessidade. “Jesus é o modelo de homem livre. Sua liberdade frente ao mal não foi um destino, mas fruto de um exercício dinâmico permanente” (LEITE, 2002, p. 310). E mais, sua liberdade consiste em cumprir fielmente o plano de Deus. “A grandeza da luta de Jesus revela que para ele o sonho não morreu. Através de sua relação de fidelidade revitalizou sempre seu projeto, confundindo-o radicalmente com o do Pai” (LEITE, 2002, p. 312). A missão de Jesus está intimamente ligada ao Pai e ao Espírito.

Mas, nem sempre acontece assim. Nem sempre o exemplo de Jesus é seguido.

> Se Jesus resistiu, não faltou e não falta quem tire bom proveito da boa ou má-fé, das propostas de Satanás. Sem cair em generalizações, trata-se de messianismo berrante e barato, de

> uso e abuso da ignorância e do sofrimento de inocentes, vítimas de engodos (LEITE, 2002, p. 324).

A força das tentações é claramente dominadora da humanidade. Esta, por sua vez perdida no caminho, cai nas propostas tentadoras pensando serem boas. “Num mundo marcado pela concepção neoliberal e pós-moderna, Satanás atua de forma estrutural, gerando a confusão entre os desejos e necessidades” (LEITE, 2002, p. 314).

Pior ainda, quando a própria religião é usada para justificar meios de opressão. “O Demônio abusa dos argumentos religiosos. É a linguagem sagrada usada para desvirtuar o verdadeiro sagrado” (LEITE, 2002, p. 315). Diante disso, o verdadeiro sagrado acaba banalizado, a vida perde sentido. O valor da pessoa acaba ficando atrelado ao que ela consome e não a partir daquilo que ela é. A pessoa só é importante para a sociedade capitalista enquanto ela produz e consome. Logo, o valor não está na comunhão, mas na individualização alienante.

Pode-se afirmar que, infelizmente, a humanidade está dominada e é prisioneira das tentações. A humanidade perdeu a centralidade do projeto de Deus. Logo, mesmo sem perceber, também perdeu sua liberdade diante do

diabo, está presa às suas armadilhas. A causa é a falta de discernimento entre o que faz parte do plano de Deus e o que é artimanha do diabo. Fugimos e ignoramos a realidade sofrida e injusta para viver na magia, na condição que nos traz satisfação e prazer imediatamente e onde nos sentimos poderosos diante de tudo e todos, ignoramos a realidade.

> Na verdade, continuamos o mito do 'campeão'. Depois que venceu, todo mundo é herói, é modelo, não importa os meios usados, uma vez que alcançou a fama, o dinheiro, o poder. Inventando modismos, usando e abusando do erotismo, trabalhando temas nobres e pobres, pouco importa. Se fez sucesso, está aprovado. Quem não aplaude tem que aceitar do mesmo jeito, pois é moda, é sucesso, tem audiência garantida. Dá lucro (LEITE, 2002, p. 324).

Hoje, nos falta a atitude segura de Jesus, a confiança de Jesus em Deus. O projeto de Deus é libertador e não alienador, é transformador e não conservador, é justo e não injusto. Portanto, para seguir a Jesus, precisamos lutar primeiramente pela liberdade que Ele conquistou. Liberdade diante do diabo, com suas astúcias e tentações, assumindo o projeto de Deus.

> Jesus sabe que tentar ao Deus da vida leva à morte. Ele resistiu ativamente, trilhando outro caminho, recolocando valores. Para seguir a proposta de Deus, vivida por Jesus, é preciso ter uma noção lúcida e uma opção por valores definidos que mereçam a doação da vida (LEITE, 2002, p. 325).

E é somente a partir disso que vamos compreender que “renúncia, despojamento e cruz estão na realeza de Deus. Conforme o próprio Jesus insistiu, é mera ilusão tentar segui-l’O, sem tomar a cruz, sem expor a própria vida” (LEITE, 2002, p. 320).

Percebe-se que nenhuma das tentações visa ajudar o povo, de alguma ou outra forma, visam apenas privilégios pessoais a Jesus. Privilégios esses que tornariam Jesus reverenciado, idolatrado, mas que negaria a libertação e a salvação da humanidade, que negariam ainda sua fidelidade ao Pai e sua relação com o Espírito. O princípio básico da tentação, como vemos, é a destruição completa da relação de Jesus com o Pai e o Espírito.

Muito mais do que atos esparsos, as tentações são buscas constantes por tentar manipular Deus na história. Tentar passar-se por Deus, enganando seus filhos e filhas. São meios que visam reduzir a força divina no meio do povo, que não dão espaço para o verdadeiro Deus agir na his-tória. Aqui nos parece clarear situações, modos de ser e de viver bem concretos do nosso tempo também, como tentações à concretização do projeto salvífico de Deus.

> A conclusão das tentações remete ao momento que será também a vitória sobre as tramas obscuras da prepotência, que revela na história o rosto do tentador do deserto. Jesus, que partilhou em tudo a condição humana, amadureceu a sua liberdade através das opções de sua vida histórica e, de maneira particular, na prova suprema, a morte e ressurreição, onde explode a sua liberdade profunda e se revelam os traços autênticos de sua filiação divina (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 57).

Podemos afirmar, sim, que "Satanás realmente tentou a Jesus, mas havia mais do que isto na história. Era o plano de Deus que, logo de início, Jesus enfrentasse a questão de que tipo de Messias haveria de ser" (MORRIS, 1986, p. 98). O foco, aqui, não é provar detalhadamente como foi cada tentação, até porque as três seguintes tentações são apresentadas como sínteses das provações que duraram a vida toda de Jesus. O ponto de referência é a luz a nos iluminar são as respostas de Jesus, o que revela a característica, o perfil do seu messianismo.

Mas, quais mesmo são essas tentações? Onde as encontramos? E quais os perigos reais para a humanidade? Qual a alternativa de confronto a elas? Quem as sustenta? Como superar essas forças que banalizam, destroem e aniquilam a vida?

A perícope sobre as tentações nos dá duas alternativas. Entregar-se a elas e fazer-se escravo delas, ou resistir a elas e superá-las, confiando na graça e no amor de Deus. Aqui não há como fugir, está estabelecida uma relação de dominador e dominado. Convém que nós tenhamos domínio sobre as tentações e não elas sobre nós.

> As tentações são uma provação comprobatória e declaratória. Na verdade, a tentação prova as convicções e a força de resistência. Se ela é derrotada, ela mesma homologa seu vencedor. Assim Jesus, vencendo a tentação, faz com que satã o declare Messias e superior a ele. Na vitória sobre o satanás já está declarada a messianidade de Jesus. Ele revela conhecimento das escrituras e se apresenta como o modelo de todo o fiel cristão (MAZZAROLO, 1999, p. 62).

As tentações não são algo novo, mas já são instituídas ao longo da história. Mudam-se as formas, mas permanece a essência. Porém, Jesus, com o Pai e o Espírito, as enfrenta e as supera. Se Jesus, iluminado por Deus, combate com o diabo e o vence, também nós somos desafiados a seguir seu exemplo: confiando nossa vida a Deus, podemos vencer nossas tentações, ou ainda, perceber as muitas formas nas quais somos tentados.

> No conteúdo específico de cada uma das três grandes tentações situadas na historicidade de Jesus, há uma grande ligação com as propostas mestras de realização do ser humano oferecidas pelos ideais de individualismo e consumismo, hoje

> reinantes. Essas propostas estão atreladas aos projetos do neoliberalismo e da pós-modernidade. São tentáculos que desafiam a fidelidade do cristão, da Igreja, porque escravizam, corroendo pessoas, sociedades e instituições, afastando-as do projeto amoroso do Pai (LEITE, 2002, p. 307).

Nas tentações de Jesus, não se pode separar drasticamente quando a tentação é uma, quando é outra. Também para a humanidade, elas estão intimamente conectadas entre si e normalmente andam em conjunto.

Didaticamente, as tentações serão tentações do modo como sugerem alguns autores, uma por uma. Mas, convém lembrar que na vida, na prática, numa tentação também estão ligadas outras tentações. Elas sempre atacam em bloco. Uma leva em direção à outra.

3.1 Tudo posso para saciar-me? (Lc 4,3-4)

Bem sabemos que a fome pode levar até à morte, e a tentação é de poder fazer qualquer tipo de mágica para resolver o problema. “O demônio aproveita-se da fome para tentar. Demônio e caluniador que é, pretende destruir a boa harmonia que há entre Jesus e Deus” (STÖGER, 1973, p. 133).

Além disso, a tentação era de que Jesus resolvesse apenas seu problema. Tal atitude o desvia completamente da sua identidade e da sua missão.

> Transformar pedra em pão é o desejo de todo ser humano, fazendo com que suas penas, seus problemas e suas dificuldades sejam solucionadas de modo mágico. A pobreza não existiria; nem a fome; nem a miséria. Cada um faria os milagres que gostaria. No entanto, a ambição é o princípio da opressão e da guerra (MAZZAROLO, 1999, p. 61).

"Essa sede de salvar o mundo subjugando-o a princípios e interesses particulares é um mal maior. Jesus ensina a humildade, a fraternidade e o perdão" (MAZZAROLO, 1999, p. 61). Jesus mostra que não veio para oprimir, mas para libertar. Porém, traz consigo o grande projeto de amor e salvação.

> A essência da tentação talvez tenha sido o uso dos poderes milagrosos para fornecer pão aos famintos, i.é, tornar-se um obreiro social. Mas não havia famintos com Jesus no deserto, de modo que talvez seja mais provável que a tentação fosse para usar Seus poderes para suprir Suas próprias necessidades pessoais (MORRIS, 1986, p. 98).

A insistência do diabo é de que Jesus, certamente com fome, caia. Porém a fome de justiça e fidelidade ao projeto do Pai supera toda tentação. Assim, "a primeira tentação toma o motivo da fome de Jesus: o tentador lhe sugere servir-se de sua qualidade de filho único, claramente

proclamada na cena do batismo, para as próprias necessidades" (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 56).

"Abusar do poder e exagerar na satisfação das necessidades pessoais é, via de regra, a melhor maneira de ignorar as necessidades do semelhante, dos despossuídos de toda e qualquer forma de poder" (LEITE, 2002, p. 313). Já faz parte da sabedoria popular a expressão: 'dê poder a alguém e saberás quem ele é'. Não se trata de negar o poder, mas de questioná-lo por quem é dado e como é exercido.

> Jesus é Filho de Deus. Ele tem a plenitude do poder. Se o Pai agora o deixar passar fome, é porque pretende levá-lo pela obediência e pela confiança. Mas não quer que Ele use do poder de sua filiação divina em proveito pessoal. Jesus é Filho de Deus, mas na humilhação e na obediência; é Messias, mas ao mesmo tempo é Servo de Deus. O caminho de Jesus para a glória messiânica não é o da ostentação do poder, mas o da obediência e da servidão (STÖGER, 1973, p. 134).

Jesus mostra a sua verdadeira face já ao negar o poder usado de forma injusta sobre o qual o diabo o desafia. Além disso, ao negar o modo de poder proposto pelo diabo, Jesus fundamenta-se na Sagrada Escritura, na Palavra de Deus (Dt 8,3). Assim, pela força divina e a presença do Espírito, o poder do diabo não tem como agir sobre Ele.

Reina sobre Jesus a graça e o amor de Deus para suportar e superar a tentação.

3.2 Posse e adoração: uma relação perigosa (Lc 4,5-8)

Nesta segunda tentação Jesus é posto pelo diabo novamente acima de tudo e de todos. Tudo pode ser de Jesus. No entanto, toda reverência deve ser feita ao diabo. Um grandioso presente, mas não sem interesses secundários e maliciosos. “O diabo conduz Jesus ao alto. Pode-se interpretar como o fato da elevação, ou seja, da riqueza, na tentação do ter, à prepotência e ao despotismo, no estar em lugar alto e privilegiado” (MAZZAROLO, 1999, p. 61).

O diabo coloca-se na condição de dono de tudo e oferece privilégios e posses a Jesus.

> Contém a oferta de todos os reinos da terra com o usufruto de suas riquezas e glórias. Para tanto Jesus deve colocar-se aos pés de Satanás. Satanás é tido como o príncipe que exerce o domínio e a sedução do poder, da riqueza e da glória humana (LEITE, 2002, p. 316).

No desejo de tudo possuir, Jesus estaria legitimando a autoridade do diabo sobre ele e sobre a humanidade toda.

“Possuir autoridade significa ter domínio” (MAZZA-ROLO, 1999, p. 61). Para tanto o diabo oferece posses, muitas posses. Algo muito aprazível, mas totalmente deturpador da coerência messiânica de Jesus. Totalmente contrária ao plano de Deus, seu único Senhor. “Na tentação sofrida por Jesus está presente a alternativa de definir sua messianidade pela tomada e exercício do poder temporal” (LEITE, 2002, p. 320).

“Um dos encantos do poder e da riqueza é a sensação de segurança e vitória, a garantia de ter conquistado uma posição específica em relação às massas anônimas” (LEITE, 2002, p. 319). Porém, ao mesmo tempo, tira a liberdade da pessoa. “O ter ou o querer ter tudo torna a pessoa cega e insensível” (MAZZAROLO, 1999, p. 61). E ainda mais,

> constatamos que a provação a que Jesus foi submetido, de reverter seu culto de adoração, abandonando o verdadeiro Deus em função da riqueza, do poder e da glória, está fortemente enraizada na história do gênero humano, provocando estragos consideráveis em todos os tempos (LEITE, 2002, p. 317).

Onde uns tem demais, outros vivem na carência, não conseguem suprir suas próprias necessidades. A proposta

do diabo é muito cativante para quem é privilegiado. Mas, ao mesmo tempo, não é humanizador para ninguém, pois tira a liberdade e cega as pessoas, aliena, tanto privilegiados, quanto desfavorecidos. A desigualdade cria inseguranças e dependências.

Entretanto, enganadamente, ao longo de toda a história, e hoje ainda mais, com a ditadura do neoliberalismo, o ter e o poder parecem trazer tranquilidade. Essa é a grande glória de quem se guia por este modelo.

> A forma mais alucinante de tentação é a ambição do poder... No alto de um monte, Jesus é colocado diante de todos os reinos do mundo, cujo domínio lhe é oferecido desde que abandone a missão evangélica de 'Servo de Javé'. O coração do homem sente-se irresistivelmente atraído pelo que o poder oferece: estar acima dos outros e poder comandá-los e dirigi-los. Jesus vence a mais insidiosa das tentações, permanece fiel à causa de Deus... (IDÍGORAS, 1983, p. 505 apud LEITE, 2002, p. 316).

Jesus tinha tudo para cair nas garras do diabo. O próprio ter, aparentemente, lhe geraria poder e lhe daria muito prazer, contudo lhe custaria toda liberdade. "Se Jesus usufruísse do poder temporal, como Messias, não incorreria mais no risco de humilhação ignominiosa da morte de cruz" (LEITE, 2002, p. 320). É uma proposta e tanto, se Ele não

estivesse firme, unido ao Pai. Assim, percebe a astúcia do diabo e o nega.

Ao negar as posses, fundamentando-se novamente na Sagrada Escritura (Dt 6,13), Jesus também nega o domínio do diabo sobre Ele, nega a cegueira e alienação, afirmando sua liberdade e o amor divino que está com Ele. Jesus está pleno do Espírito e o Pai está com Ele, nada pode ter mais força sobre Ele, a ponto de negar a Deus, de negar sua filiação.

3.3 Desafiar Deus publicamente: o que representa? (Lc 4,9-12)

"Jesus é levado a um ponto solitário. Ao ponto mais alto do Templo. É convidado a jogar-se do alto, pois, na qualidade de Messias, conta com garantias extraordinárias" (LEITE, 2002, p. 321). Porém, as garantias extraordinárias não lhe dão condição extraordinária de libertação. Essa forma de apresentar-se ao povo gera alienação. Existem, novamente, duas opções, e dessas opções uma é fonte de subversão do messianismo de Jesus.

> Descer apoteoticamente, encantando e seduzindo as multidões, num elaborado espetáculo milagroso ou ser elevado à condição de glorificado pelo cruel levantamento da cruz, onde todo brilho e poder submerge na experiência da vergonha e do escárnio. Aqui está a chave de abertura à grandeza da fidelidade e da solidariedade do 'Verbo que se fez carne' e não sobrevoou a condição humana, mas, de fato, 'habitou entre nós' em permanente atitude de amor (LEITE, 2002, p. 323).

O que torna a proposta ainda mais atraente é que agora ela vem fundamentada pela Escritura: Sl 91,11-12. Poderíamos perguntar-nos, o que dizer contra a Escritura? Como dizem os fundamentalistas: 'está na Bíblia', não se pode negar. Mas Jesus, espertamente, está muito atento ao lícito uso da Escritura. Deixa a entender que esta não deve ser usada para deturpar a vontade de Deus e justificar uma ação errônea. E mais, "não cabe ao homem submeter Deus ao teste, nem sequer quando o homem é o próprio Filho de Deus encarnado" (MORRIS, 1986, p. 99).

Chegar em Jerusalém, à Cidade Celeste, de uma forma mirabolante seria fantástico, mas não para quem parte da realidade como base da missão. O espetáculo estaria garantido e a admiração popular seria certa. Jesus deixaria todos admirados com sua 'mágica'. Seria tratado como herói e honroso mágico, gozando dos prazeres que

esta glória traz, mas não comprometeria a ninguém com o projeto de Deus.

A proposta do diabo é que Jesus resolva tudo sobrepondo-se às pessoas. “Jesus é conduzido ao centro de efervescência de um universo urbano. Contudo, está acima de tudo e de todos, sem misturar-se com a vida das pessoas” (LEITE, 2002, p. 321). Então é tentado a resolver tudo, a seu modo e entendimento, para sua glorificação e bel prazer. Tudo depende de Jesus. “É a tentação de dar ordens a Deus ou de demonstrar poder de um deus. Na linguagem popular é a tentação da serpente que acredita ser a desobediência uma forma de libertação” (MAZZAROLO, 1999, p. 62).

Contudo, Jesus percebe que este não é o verdadeiro projeto de Deus, pois seria um projeto mirabolante para afirmar sua condição de mágico e não a causa da libertação. A justiça não seria garantida, pois não geraria transformação social e libertação. “A proteção miraculosa é descartada por Jesus” (MAZZAROLO, 1999, p. 62). Somente estando na base, no meio do povo, pode-se

construir libertação e conjuntamente transformação que garante a justiça, não para, mas com o povo.

Jesus desmascara o diabo ao não aceitar tentar a Deus, pois conhece a Escritura e sabe que não é lícito tentar a Deus (Dt 6,13). “Jesus quer servir a Deus, e não dispor de Deus a seu talante; quer obedecer a Deus e não tornar Deus seu súdito” (STÖGER, 1973, p. 136).

Por fim, como já afirmamos anteriormente,

> as tentações de Jesus são tentações messiânicas. O adversário do Reino de Deus pretende levar o Filho de Deus à queda, ungido embora pelo Espírito e preparado para sua obra messiânica. Com todos os recursos diabólicos, – com hipócrita compaixão, com embustes e magia, com distorção das Sagradas Escrituras, – é Jesus induzido à desobediência ao Pai (STÖGER, 1973, p. 136).

Resistindo à armadilha, tendo a Escritura como ‘arma’, Jesus deixa claro que propõe outro projeto que não o do diabo. Propõe um projeto alternativo. Não por si, mas assume como Seu o plano de Deus.

> Por três vezes, tendo por arma só palavras da Escritura, cuja escolha mostra que ele tinha compreendido sua mensagem fundamental, Jesus repele o Adversário, recusando o programa de uma ‘fé’ desviada de sua visão profunda, a submissão só a Deus. Jesus sai vitorioso da prova que o qualifica para sua missão de ‘novo Adão’, na verdadeira obediência filial à Palavra de Deus (L’EPLATTENIER, 1993, p. 47).

Jesus faz-se assim, na liberdade, a total fidelidade ao Pai. Sua vida é perfeita comunhão com o Pai e o Espírito. É essa comunhão que faz cada vez com que Jesus supere os desafios e ameaças ao plano de Deus na história. Plano esse que visa comunhão não só de Jesus com Deus, mas em Jesus, também de toda humanidade com Deus. Plano esse que faz ascender a comunhão entre as pessoas e, na comunhão entre si e com Deus, vive e constrói libertação.

4 PROPOSIÇÃO MESSIÂNICA: COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

É importante aclarar, inicialmente, que não estamos pretendendo aprofundar ou defender a Teologia da Libertação, com toda sua conjuntura, contexto e realidade própria. Mas, aprofundar uma Teologia de comunhão e libertação. Não a partir do movimento comunhão e libertação, iniciado na Itália em 1954, e assim nomeado a partir dos anos 1969, que prega a comunhão como verdadeiro caminho da libertação do homem. O intuito aqui é não afirmar-mo-nos em um ou outro movimento histórico, mas, buscarmos elementos da e na própria vida de Jesus.

Em vista disso, importa-nos apresentar o método que seguimos. Não igual, mas semelhante ao da Teologia da Libertação (ver, julgar e agir). Método esse, que nos parece muito bem pensado e toda Teologia, que visa libertação, pode segui-lo de algum modo. Por isso, também aqui, com pequenas modificações, o adotamos.

Propõe-se como método deste trabalho o “Ver, Rezar e Agir”. Por que não julgar, mas rezar? Porque percebe-se que Jesus conhece, experimenta na própria pele a realidade; mas junto disso, reza essa realidade, faz da realidade uma oração, para depois, agir sobre ela. Jesus reflete, busca iluminação sobre essa realidade. O rezar apresenta-se como abertura à resposta de Deus como luz para a realidade. Ainda, compreende-se que, nesse caso, julgar não compreenderia necessariamente rezar, mas o contrário é válido.

A motivação é fundamentar a oração e ação de Jesus, neste capítulo, a partir da sua liberdade, assumida com responsabilidade e fidelidade. Jesus dá a resposta em oração (Lc 11,1-4) e testemunho de vida (Lc 9,10-17). Jesus sofre as tentações, não cai, mas as enfrenta e apresenta um contra-projeto ao da tentação. E seu projeto pode ser muito bem compreendido a partir do método que acabamos de apresentar.

4.1 A possibilidade da rejeição

Nosso ponto de partida é de que Jesus era possuidor de total liberdade. Poderia optar por seguir ou não o projeto de Deus. O destino não estava completamente traçado, pois caso contrário, Deus seria um Deus opressor, que entrega tudo decidido, que apresenta tudo pronto para Jesus.

Muito pelo contrário, é o diabo que propõe alienação a Jesus. É ele que quer que Jesus transforme pedra em pão (4, 3), reverencie a ele para ganhar posses (4,6-7). E, no auge do atrevimento, o diabo ainda quer que Jesus envolva o próprio Pai no possível fracasso messiânico (4,9-11).

> Temos aqui duas maneiras para ler a Escritura ou de interpretar o 'caminho de Deus'. Nos lábios do diabo, a palavra de Deus serve para justificar o caminho do sucesso fácil, do poder e do domínio ou do prestígio espetacular. A linha de Jesus se contrapõe a esta, não por uma maneira sutil e hábil de manejar a Escritura, mas por uma opção de fé. O caminho de Jesus, que vai ser concluído em Jerusalém, é o da fidelidade radical a Deus, apesar da oposição, da perda total do prestígio e do poder (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 56).

O projeto de Deus visa a comunhão de Jesus com o Pai, comunhão que não acontece na imposição, mas exige liberdade, opção, consciência e adesão. E, em nossa com-

preensão, Jesus foi protagonista, sim, de sua própria história. Fez de sua vida uma total escuta ao Pai.

> A adesão de Jesus à linha da fidelidade não é algo inevitável, mas fruto de um amadurecimento, de um progressivo esclarecimento. Jesus procurou descobrir que sentido podiam ter, no projeto de Deus, a rejeição e a hostilidade dos chefes e as ameaças de morte (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 188).

Jesus sabe, desde o princípio, que viver e protagonizar a história na comunhão com Deus é mais difícil do que deixar-se levar pelas facilidades e pela onda gigante que conduz para onde quer toda multidão. Resistir à onda requer mais esforço do que deixar-se levar por ela. De outro modo, Jesus também sabe que os resultados de tal resistência são diferentes.

A proposta de Jesus aqui é mais árdua ainda, a medida que, junto consigo, quer salvar toda a humanidade, visto que o projeto de Salvação de Deus é para todos. É necessário "enfrentar o mar, entrar na onda", para ajudar quem está nela e encontrar força e a estratégia certa para sair junto. Aqui encontramos mais um ponto chave, ninguém consegue salvar-se sozinho. Pode até conseguir dar alguns respiros sobre a água, mas até mesmo quem está

debaixo o puxa de volta. Pois quem está na dificuldade é levado a segurar onde pode.

E mesmo depois de estar fora, o caminho de Salvação ainda não termina. É preciso parar, refletir e encontrar um modo coletivo para que ninguém mais corra o risco de ser levado novamente. É necessário estar convencido de que ser livre tem seu custo, mas vale a pena. É necessário desvendar os olhos e ensinar a pessoa a caminhar autonomamente em outra direção.

Tudo isso não se completa em um só dia. Enquanto se luta, encontram-se resistências. Enquanto se constrói, há quem destrua. Por isso, todo trabalho missionário exige perseverança. E para construir perseverança é necessário ter clareza do que se quer. Para ter clareza, não pode faltar o cultivo da fé. É ela que nos move na direção certa.

Podemos perceber que essa não é uma luta só de Jesus. É luta da humanidade toda, em todo tempo e lugar. Jesus mostra-nos o caminho, mas nós também precisamos caminhar. Encontraremos dificuldades, sim, mas se existe um caminho traçado é porque é possível de ser percorrido.

E quem conduz esse caminhar pode encontrar diferentes formas de caminhar, mas o caminho é o mesmo.

> O missionário fica completamente exposto, também no que diz respeito à sua sustentação, aos riscos da missão: acolhimento ou rejeição, sucesso ou fracasso. Não há garantias secretas. Ele fica dependendo da hospitalidade daqueles que acolhem a mensagem. Mas, nada pode deter ou impedir o prosseguimento de seu mandato (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 121-122).

O caminho não vem acompanhado do milagre fácil, do sucesso imediato garantido, proteção, segurança, mas enfrentando contradições, ambiguidades e limites humanos. Sob esse enfoque, o relato das tentações torna-se o Evangelho em miniatura, destacando sinteticamente todo drama da vida de Jesus e como ele reagiu a essas provocações e indagações, e mais, indica o caminho que o cristão há de percorrer, com suas dificuldades e superações.

Jesus não faz gestos espetaculares, mas vai ao encontro dos necessitados, o que não deixa de ser grandioso e espetacular. “O rosto de Deus revela-se no rosto de Jesus e o encontro com Deus se realiza no encontro com Jesus de Nazaré, solidário com os pequenos. Esse é o coração do Evangelho” (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 123).

A característica messiânica de Jesus é expressa após a perícope das tentações. Vemos em Lc 4,14-21 o destaque sobre a volta de Jesus para a Galileia, com a força do Espírito. Em Nazaré, segundo seu costume, entra na sinagoga num dia de sábado, e levanta-se para fazer a leitura. E, nesta leitura, encontra o programa de toda a sua atividade: "o Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor" (Is 61,1-2). A partir dessa leitura, compreenderemos melhor o perfil do messianismo de Jesus, o qual compreenderemos melhor através de outras duas perícopes de Lucas, 11,1-4 e 9,10-17.

4.2 Missão que evoca a oração e oração que inspira a missão: Lc 11,1-4

Lucas dedicou muita atenção à oração, ao Jesus orante, à comunidade orante. Podemos destacar vários

momentos que descrevem o Jesus orante no Evangelho de Lucas, vejamos: 3,21; 5,16; 6,12; 9,18; 9,28s; 11,1; 22,32; 23,34; 23,46.

> Fica claro que Jesus, desde o batismo até a sua morte, rezava seguidamente. Mas, esses momentos de oração não são encaixados arbitrariamente, mas dizem respeito a situações importantes durante a atuação e atividade de Jesus (SCHNACKENBURG, 2001, p. 226).

Em Lucas, "a oração é um estado de comunhão com o cosmos, consigo e com Deus. As palavras devem ser apenas a expressão oral daquilo que já passa pelos outros sentidos" (MAZZAROLO, 2004, p. 167). Portanto, a espiritualidade orante não se reduz a eventuais momentos, mas a um estado de vida, a uma perfeita comunhão e comprometimento com Deus e com seu projeto.

> A oração de Jesus tem o estilo e a qualidade de vida, de suas escolhas: reflete a liberdade e a coragem de suas palavras. Trata-se de uma oração que brota de uma busca fiel e constante daquilo que Deus quer através dos rostos das pessoas e dos acontecimentos da história cotidiana. A oração de Jesus deixa entrever, por um momento, a fonte secreta e profunda de onde manam seu amor tenaz e sua liberdade cristalina, a sua esperança ilimitada e sua comunhão singular com Deus. Na sua oração, manifesta-se um reflexo daquele mundo diferente que constitui a sua identidade profunda (FABRIS; MAGGIONI, 1992, pp. 188-189).

Ao mesmo tempo que a oração é expressão da vida, da realidade, é também expressão dos sonhos e da esperança do povo. Ela revela e induz à realidade. Parece-nos ser essa a compreensão que Lucas quer apresentar sobre a oração de Jesus, sobre o modo como Jesus rezava e ensinaria os discípulos rezar.

> Lucas quer dar simplesmente um exemplo de oração pessoal e aberta às necessidades dos demais. Também nessa perícope, Lucas frisa que o ensinamento de Jesus brota da sua experiência pessoal. Com efeito, está em contato íntimo com o Pai. Seu ensinamento não é, pois, algo teórico. Mais do que um formulário de oração, o Pai-nosso quer indicar quais são os conteúdos da genuína oração cristã, estimulando o fiel, à luz desses itens, a se expressar com liberdade, a começar por sua vida concreta (CASALEGNO, 2003, p. 329).

A oração é fruto do ensinamento e da experiência e da acolhida do Espírito pelo Mestre (Lc 4,18). A oração é a acolhida de Deus no discernimento pessoal. Jesus ensina os discípulos rezar. Em outras palavras, ensina os discípulos acolher Deus na sua vida e deixá-lo agir sobre a realidade por meio deles. E para aprender a rezar, o discípulo deve mostrar abertura e interesse. Querer aprender com o Mestre. Reconhecer a limitação pessoal. Ser humilde.

> O Pai-Nosso é ensinado por Jesus em resposta a um discípulo que deseja ‘aprender a orar’ à semelhança de seu Mestre. A questão é interessante porque supõe que a oração pode ser

> objeto de ensinamento; não se trata de alguma efusão espiritual mais ou menos espontânea; o conteúdo da oração é decisivo e deve estar em conformidade com a doutrina daquele do qual alguém se diz discípulo (L'EPLATTENIER, 1993, p. 115).

Jesus não traz doutrinas novas na oração ensinada, apenas faz com que a realidade vivida se transforme em oração. E pela oração se possa transformar esta mesma realidade. "Portanto, as fórmulas essenciais do Pai-Nosso só revelam toda a pregnância de seu sentido, quando destacadas contra o pano de fundo de todo ensino de Jesus e de sua atividade" (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 129).

Compreendendo a oração de Jesus sob esse enfoque, percebemos que ela pode ser ensinada, aprendida, e deve ser cultivada. Cultivada dentro de uma profunda comunhão e comprometimento com Deus e com o povo. Logo, não pode estar desligada da realidade.

> A oração de Jesus não é apenas exemplo para os discípulos e para a futura comunidade: ele ensina também aos discípulos uma oração com novo conteúdo, o Pai-Nosso. Por meio dela é dito à comunidade pelo que ela deve rezar. Jesus é o mestre da oração para a futura comunidade. O Pai-Nosso, como oração pelo advento do Reino de Deus, está conexo com os pedidos necessários para o tempo presente (SCHNACKENBURG, 2001, p. 231).

Isso que nos mostra a oração do Pai Nosso. Uma oração em profunda sintonia com a vida de Jesus e do povo de Deus, e que traz sonhos e esperanças de respostas às dificuldades que esses enfrentam. Logo, as tentações apresentam como poderia ter sido a realidade se Jesus tivesse negado o projeto de Deus, na profunda comunhão de Jesus com o Pai e na fidelidade ao Seu projeto, enquanto que, "o Pai-Nosso é uma síntese da alegre mensagem de Jesus, que poderia ser definido como o 'Evangelho rezado'" (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 189).

Vejamos, mais detalhadamente, como a oração e a vida de Jesus estão intrinsecamente ligadas. E mais, como o projeto messiânico de Deus se torna carne, é feito vida na sua ação.

"Pai" (Lc 11,2b). A invocação 'Pai' está sempre presente no início das orações de Jesus. O mesmo Ele sugere que façam os seus discípulos (LANCELLOTTI; BOCCALLI, 1983, p. 131).

A oração do Pai Nosso começa com 'Abbá', que significa 'Papai'. Assim se dá a experiência de Jesus, assim também ele ensina seus discípulos a rezar. Jamais, por mais

piedoso que fosse, um judeu ousaria rezar deste modo (STÖGER, 1973, p. 325). “A palavra ‘Abbá’ é um facho de luz sobre o incomparável relacionamento de Jesus com Deus” (STÖGER, 1973, p. 325).

> O texto indica, pois, a extraordinária intimidade que Jesus tem para com Deus, manifestada também em outros momentos do Evangelho (10,21; 22,42). Trata-se de uma expressão pronunciada pelo próprio Jesus histórico, que não pode ser explicada pela tradição anterior ou pela influência da Igreja primitiva (CASALEGNO, 2003, p. 330).

Essa intimidade de Jesus com o Pai lhe dá consciência daquilo que é necessário pedir ao Pai. Não são pedidos aleatórios feitos em seguida, mas remetem ao reconhecimento do próprio Deus e às necessidades fundamentais do ser humano.

> Os dois movimentos que marcam o ritmo do Pai-Nosso são facilmente reveláveis: duas petições abertas pela invocação ‘Pai’, relacionadas com a realização do projeto de Deus, o seu nome e o seu reino; três pedidos que expressam as necessidades fundamentais do discípulo: o pão, o perdão e a libertação do perigo de infidelidade (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 129).

“Santificado seja o teu Nome” (Lc 11,2c). “Deus se santifica, quando, pela revelação de sua misericórdia, se manifesta como Pai; quando se revela aos pequeninos e os faz seus filhos; quando começa a despontar o Reino de

Deus" (STÖGER, 1973, p. 326). Reconhecer o nome como santificado é reconhecer a identidade do próprio Deus.

O reconhecimento todo deve ser ao Nome de Deus. Ajoelhar-se diante da idolatria, diante das propostas fáceis do mundo, significa negar o nome de Deus, significa prestar reverência ao banal e banalizar o verdadeiro Deus. Desejar que o nome de Deus seja santificado, significa não absolutizar o relativo e relativizar o Absoluto. Significa não desafiar ou usar o próprio Deus em nome dos prazeres e benefícios pessoais e perversidades.

Além disso, desejar a santificação do Nome de Deus quer dizer honrar seu Nome. Prestar culto a Ele e somente a Ele, é reconhecer que somos filhos de Deus, em Jesus Cristo. Significa, enfim, viver e praticar a vontade de Deus, em honra do seu Nome. Nossa prática deve mostrar o nosso Deus.

"Venha o teu Reino" (Lc 11,2d).

> A súplica pelo Reino é a súplica do Pai-Nosso, assim como a doutrina do Reino de Deus é o ponto central da pregação de Jesus. O Reino de Deus é o domínio de Deus. Se Deus toma posse de seu Reino, então o Satã estará vencido e o Reino de Deus terá despontado (STÖGER, 1973, p. 326).

Quando pedimos que venha o Reino de Deus, reconhecemos Deus como nosso único Rei. Nossa reverência só a Ele deve ser prestada, a ninguém mais, pois Ele é o Rei, e o Reino é Seu. E nós somos coparticipantes desse Reino, em Jesus, seu Filho.

> As duas primeiras petições dirigidas ao Pai não são a expressão dos desejos de onipotência do homem, mas o reconhecimento da liberdade e iniciativa de Deus e, ao mesmo tempo, da confiança e disponibilidade do homem para a realização do plano de Deus (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 129).

Enfim, pedir que seja santificado o Nome de Deus e que venha o Seu Reino, revela plena confiança em Deus. Revela a crença de que Deus e seu Reino são a salvação e a graça na história. E, por consequência, traduz nosso desejo de juntos construir o Reino de Deus.

> As expressões 'seja santificado o teu nome' e 'venha o teu reino' convidam o cristão a reconhecer a prioridade do plano de Deus no mundo e na história, desejando que ele se realize plenamente. Isso deve acontecer antes de o fiel levar em consideração suas próprias necessidades. Com efeito, tudo está sob o domínio de Deus. Se Deus reina, o mundo alcança sua plenitude e sua paz (CASALEGNO, 2003, p. 330).

"O pão nosso cotidiano dá-nos a cada dia" (Lc 11,3a). "O pão é toda a necessidade de subsistência de uma

pessoa: casa, emprego, saúde, afeto, estima, salário...” (MAZZAROLO, 2004, p. 168).

Jesus ensina o discípulo a pedir apenas o pão necessário para cada dia, nem acúmulo, nem carência. Logo, nos indica que este deva rezar todos os dias, senão por outros motivos, mas ao menos para pedir o pão do dia. Ou seja, todos os dias deve expressar a total confiança a Deus. Não por que Deus precisa da oração para dar o pão, mas por que o discípulo, como também toda a humanidade, precisa cultivar diariamente sua entrega a Ele.

> É oração na qual os discípulos se situam como pobres que esperam tudo de Deus; no plano material, o pão de cada dia (v. 3); no plano espiritual, o perdão dos pecados (v. 4), já muitas vezes colocado no evangelho de Lucas como conteúdo essencial da salvação (L’EPLATTENIER, 1993, p. 116).

Uma vez que perdemos esse vínculo, caímos nas graças do diabo. A partir disso vale utilizar todos os recursos que estiverem ao alcance para o próprio sustento, destruindo a obra de Deus, sua criação em nome da satisfação pessoal (4,3).

“Perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos aos nossos devedores” (Lc 11,4a). “Quem perdoa seu irmão pode esperar que Deus também o perdoe”

(STÖGER, 1973, p. 328). Não como recompensa, pois, caso assim fosse, estaríamos negociando com Deus. Mas, como reconhecimento do perdão, fruto do profundo amor de Deus por nós.

> Visto que o tempo da salvação, anunciado por Jesus, é tempo de perdão e de misericórdia, então essa súplica deve ser feita com confiança. No Evangelho de Lucas, principalmente, a alegria em perdoar os pecados é um traço incomparável e genuíno da mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus (STÖGER, 1973, p. 328).

Através do perdão a humanidade é chamada a participar na construção do Reino de Deus.

> É a única proposição que tem como sujeito o homem. A cláusula do perdão é essencial na oração cristã: para obter do Pai o perdão dos pecados é mister que os filhos se mostrem, como o Pai, misericordiosos e conciliadores (LANCELLOTTI; BOCCALLI, 1983, p. 131).

Partindo do pressuposto de que quem perdoa é porque muito ama, Jesus ensina a amar profundamente no amor de Deus.

"Quem incorrer em falta contra um outro, assume o peso de uma dívida, da qual precisa se libertar. Deve repartir e restituir. Tal acontece pelo fato de ele perdoar aqueles, que se tornarem devedores dele" (STÖGER, 1973, p. 329), tendo o amor de Deus como um profundo ato de

liberdade. Perdoar, aqui, significa reconhecer, em primeiro lugar, a liberdade do outro e afirmar-se na própria liberdade. O não perdoar revela incapacidade de desprender-se das amarras do rancor. Por outro lado, também representa que não queremos dar a liberdade para o outro ser ele mesmo.

"E não nos deixes cair na tentação" (Lc 11,4b). "Tentação é perigo para a fé, perigo de apostasia. A prece surge do conhecimento da própria fraqueza; do conhecimento da supremacia do inimigo" (STÖGER, 1973, p. 329).

Ao pedir a Deus que não nos permita cair na tentação, há o reconhecimento de que sem Deus não podemos nos garantir no caminho. O único que pode nos dar essa segurança é o próprio Deus.

> O último pedido expressa a consciência da precariedade na existência humana exposta ao risco de aderir ao mal na sua extrema gravidade: o desespero e a infidelidade gerada pela morte (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 130).

O maior testemunho vem do próprio Jesus. Tendo em vista que não é mera coincidência o fato de que a cada tentação Jesus utiliza-se da Palavra de Deus para respondê-la (4,1-13). Jesus vive essa realidade e isso lhe confere

autoridade para propor na oração do Pai Nosso que os discípulos peçam a Deus para não cair na tentação.

> Acentua a humildade necessária ao discípulo. A mesma recomendação será renovada com insistência no monte das Oliveiras: ‘orai para não entrardes em tentação’ (22,40 e 46). O discípulo não deve ter a presunção de ser tão forte como seu Mestre, no momento das grandes provações (cf. 22,23) (L’EPLATTENIER, 1993, p. 116).

Não podemos dizer que isso nos garante não ter de enfrentar a tentação. Não cair, aqui, significa mais do que isso. Jesus foi tentado, mas não caiu na tentação. Significa confiar na misericórdia de Deus para não fracassar na hora da tentação.

> Passar por qualquer momento de sofrimento é uma provação ou uma tentação que pode significar uma ruptura da fé, uma ruptura das relações ou uma falência de uma vida. A tentação, compreendida nesse contexto, é toda a forma através da qual pode-se quebrar algum compromisso, estabelecer alguma infidelidade humana, econômica, social ou religiosa (MAZZAROLO, 2004, p. 169).

Não podemos imaginar um povo que não passe por nenhuma dificuldade. Mas, podemos compreender que Deus pode estar conosco nos momentos difíceis. O desejo proposto por Jesus a ser rezado é que Deus esteja sempre conosco, dando-nos firmeza. Reconhece-se Deus como Rei

e, neste reconhecimento, está incluído o desejo de que Ele nos proteja.

> A oração do Pai-Nosso tem uma perspectiva muito ampla. Começa desejando que o plano de Deus se realize, como Deus sabe e como Deus quer. É no interior desse pedido que o cristão pode rezar pelas suas necessidades concretas, sabendo, porém, que há uma escala de valores a respeitar. Deve-se rezar em primeiro lugar pelo pão cotidiano, pelo perdão e pela capacidade de superar a tentação (CASALEGNO, 2003, p. 334).

"Um aspecto final a ser notado é que, embora possa ser orada em particular, é essencialmente uma oração corporativa. Todos os pronomes estão no plural" (MORRIS, 1986, p. 182). Ao rezarmos o Pai Nosso, abrimo-nos a Deus como nosso Pai, e reconhecemos a existência e os direitos dos irmãos. Por isso, podemos afirmá-la como oração da fraternidade. Deus não prioriza um ou outro. Seu projeto visa toda a humanidade, é construção coletiva.

> O 'nós' desses pedidos se opõe ao 'eu' da oração do fariseu (18,11-12) e corresponde ao pedido do discípulo: ensina-nos a orar. É a oração que será a característica da comunidade dos discípulos desse mestre. Naturalmente, o leitor é convidado a se incluir nesse 'nós' (L'EPLATTENIER, 1993, p. 116).

4.3 Práxis de humanização e libertação: Lc 9,10-17

Estamos diante de um projeto que muda a história da salvação. E hoje o compreendemos com olhar pós-pascal. Um olhar de fora da realidade, analisando a ação de Jesus no seu contexto. Porém, nosso olhar, já vem acompanhado de uma perspectiva triunfante, do Jesus vencedor, herói da humanidade.

É importante, sim, aceitar esse aspecto. No entanto, quando se busca um aprofundamento sobre a vida e ação de Jesus, não pode passar despercebido seu contexto. Caso contrário, corremos grandes riscos de rumar para o fundamentalismo cristão. De pensar que tendo Jesus agido assim, também nós o devamos imitar tal e qual, ao invés de segui-lo a partir da nossa própria conjuntura.

Conhecendo seu contexto, confiando no Pai e amando-o profundamente, encontrou alternativas bem concretas para a humanidade. Seu exemplo nos serve de inspiração a todo tempo e lugar. Jesus induz o modo de caminhar dos cristãos e cristãs, ainda hoje. Justamente por ser profundamente humano é divino.

Jesus vive a radicalidade da experiência humana, com desafios concretos do seu tempo. Foi provado na profundeza da sua humanidade, como vimos a partir da perícope das tentações (4,1-13). Essa experiência ajuda-o a amadurecer no seu amor com o Pai e na sua missão amorosa para com a humanidade.

Quando afirmamos ser filhos de Deus em Jesus Cristo, significa reconhecê-lo como plenitude humana a serviço de Deus. E, concomitantemente, a plenitude divina a serviço da humanidade. Neste sentido, a missão de Jesus não depende de um tempo e lugar definido. Dia e noite, é Filho de Deus. Sendo assim, sua própria vida é missão. Jesus não só atua como Messias, mas Ele é o Messias. Esse modo de vida queremos exemplificar, aqui, através de outra perícope lucana (9,10-17).

Jesus envia os discípulos à missão, os acolhe, reflete sobre essa e acolhe o povo e faz do povo parte da mesma 'família', família cristã. Rompe com a distinção entre mestre, discípulos, povo. Todos tornam-se irmãos, filhos de Deus, acolhidos em Cristo Jesus.

“Ao voltarem, os apóstolos narraram-lhe tudo o que haviam feito. Tomou-os então consigo e retirou-se à parte, em direção a uma cidade chamada Betsaida” (Lc 9,10). É importante observar que os apóstolos conversam e partilham com Jesus a sua missão. O reencontro é de partilha. Jesus coloca-se como ouvinte dos discípulos. De outro lado, não responde, apenas retira-se com eles.

“As multidões, porém, percebendo isso, foram atrás dele. E acolhendo-as, falou-lhes do Reino de Deus e aos necessitados de cura, restituiu-lhes a saúde” (Lc 9,11). Jesus não só vai ao encontro do povo, mas também deixa que este venha até ele. É acessível, acolhedor. Mostra-se missionário por excelência, e em todas as horas.

A missão de Jesus e dos discípulos atrai as pessoas. Essas chegam com sede das palavras de Jesus. Toda esperança está Nele. E Jesus acolhe-as, orienta-as e ajuda a quem precisa. “Ele recebia o povo hospitaleiramente. Ensina e cura sempre de novo, incansavelmente, até que a noite comece e o dia se decline” (STÖGER, 1973, p. 259). E o povo ali permanece, não desiste de ouvir a mensagem.

Outro aspecto é que Jesus está junto do povo e não tem a intenção de distanciar-se ou distinguir-se, como propunha o diabo na terceira tentação: colocar-se acima do povo para tentar provar a Deus (4,10-12). Aqui Jesus nos mostra que é parte do povo, que não tenta provar, mas confia plenamente no Pai.

"O dia começava a declinar. Aproximaram-se os Doze e disseram-lhe: 'Despede a multidão para que vão aos povoados e campos vizinhos procurar pousada e alimento, pois estamos num lugar deserto'" (Lc 9,12). Nada está dito que Jesus tinha parado de falar ao povo. Ou então que o povo estava ali, mas não ouvia mais Jesus. Logo, tentam interromper os ensinamentos de Jesus, mostrando-se preocupados com o povo. Mas, ao mesmo tempo, distinguindo-se dele, guardando a própria reserva, enquanto o povo teria de providenciar o alimento e o repouso.

"Ele, porém, lhes disse: 'Dai-lhes vós mesmos de comer'. Replicaram: 'Não temos mais que cinco pães e dois peixes; a não ser que fôssemos comprar alimento para todo esse povo'" (Lc 9,13). Os apóstolos confessam a Jesus a sua incapacidade de mediar uma situação. Porém, são capa-

zes de reconhecer seus limites. “Eles não podem auxiliar se o Senhor não lhes vier em auxílio” (STÖGER, 1973, p. 260). Mostram-se de ‘mãos amarradas’, o alimento existente não mata a fome do povo.

Mas Jesus novamente lhes apresenta oportunidade de aprender, com saída alternativa para resolver o problema então presente. “Jesus encarrega diretamente os discípulos de saciarem a fome do povo, não porque os considere capazes, mas para levá-los a cooperar com ele em benefício da multidão” (LANCELLOTTI; BOCCALLI, 1983, p. 109).

Lembremos aqui novamente que o diabo tentava Jesus no deserto para transformar pedra em pão (4,3). Jesus resiste, afirmando a necessidade de alimentar-se da Palavra de Deus. Aqui, Jesus nos mostra que seu alimento é a Palavra de Deus, pois confia Nela.

Sua ação não é transformar nada em pão. Pelo contrário, oferece aquilo que é fruto da Providência. Partilha o que existe. Oferece o próprio alimento ao povo, e não usa de poderes extraordinários para saciar somente a própria

fome. Faz com que seus discípulos acolham o povo junto deles.

Jesus afirma a responsabilidade que os discípulos têm e devem exercer com a humanidade. Evangelizar é mais que fazer propaganda ou campanha para o Reino de Deus. Evangelizar é saber encontrar respostas às necessidades concretas junto com o povo. É oferecer tudo que temos para ser partilhado, não de qualquer modo, mas com organização.

> O dado próprio de Lucas 'acolhendo-as, falava-lhes do Reino de Deus' (v. 11) deve levar a reconhecer na multiplicação dos pães um sinal antecipador do banquete messiânico nesse reino, no qual não haverá mais famintos (cf. 1,53) e, ao mesmo tempo, uma prova da compaixão de Jesus pelas multidões, expressada aqui pelo tema muito lucano da acolhida (L'EPLATTENIER, 1993, p. 91).

"Com efeito, eram quase cinco mil homens. Ele, porém, disse a seus discípulos: 'Fazei-os acomodar-se por grupos de cinquenta'. Assim fizeram e todos se acomodaram" (Lc 9,14-15). Jesus, então, orienta os discípulos sobre o cuidado com o povo. Estes são convidados a alimentar maravilhosamente o povo. Eles devem repartir a todos em grupos de cinquenta pessoas. Jesus pretende preparar um banquete, onde há espaço e alimento para todos.

Jesus ensina como os discípulos devem viver e como devem portar-se diante das dificuldades. “O que Jesus fez também foi para dar o primeiro ensinamento aos discípulos de como se comportar com o povo, que o procura” (STÖGER, 1973, p. 259). Não se pode abandonar o povo nas necessidades, mas acolhê-lo e ajudá-lo.

A população precisa ser orientada, organizada e instruída. E cabe aos discípulos ajudá-los para que cada um tenha seu espaço para alimentar-se dignamente. Jesus oferece a todos o alimento, mas estes devem organizar-se para que haja partilha, para que o objetivo não seja somente o alimento, mas o encontro, o diálogo.

“E tomando os cinco pães e os dois peixes, ele elevou os olhos ao céu, os abençoou, partiu-os e deu aos seus discípulos para que os distribuíssem à multidão” (Lc 9,16). Jesus possui o alimento e eleva os olhos aos céus para agradecer a Deus. “Trata-se de uma oração de ação de graças dirigida a Deus criador, em sinal de reconhecimento pelos bens que a divina onipotência coloca à disposição” (LANCELLOTTI; BOCCALLI, 1983, p. 109).

Na oração está subscrito o reconhecimento do alimento, como presente de Deus, não obra de satisfação humana (4,3). E uma vez que este é gratuidade divina, não há privilegiados. O Reino é para todos (4,5-7). Todos devem saciar suas necessidades. “Jesus procede como pai de família da grande comunidade em banquete” (STÖGER, 1973, p. 261). Media, organiza a multidão e satisfaz a necessidade de todos.

Quem distribui o alimento são os discípulos. Este vem pela graça de Deus. Jesus o entrega para que os discípulos o distribuam.

> Os discípulos repartiram o alimento. Ele o deu aos discípulos, para que os distribuíssem. Tudo parte d’Ele, da sua iniciativa. Os apóstolos são mediadores apenas, enviados por Ele. Anunciam a Boa-Nova, curam os enfermos, saciam o povo... (STÖGER, 1973, p. 261).

Mostra, assim, que os discípulos podem, sim, saciar a fome do povo. E não só podem, como devem fazê-lo.

Quem quer seguir Jesus deve praticar as obras de Jesus e estar a serviço do Senhor. Jesus mostra o caminho. Mas, esse se faz caminhando. Não há magia nesse seguimento, mas gestos práticos de libertação e salvação.

“Todos comeram e ficaram saciados, e foi recolhido o que sobrou dos pedaços: doze cestos!” (Lc 9,17). Quem tem para si, pense no outro e reparta. As sobras já não pertencem aos saciados, mas aos que ainda não receberam. É preciso recolher as sobras e repetir o gesto com os que não comeram (MAZZAROLO, 2004, pp. 138-139).

“Com a superabundância do dom divino, cada um dos Doze consegue encher o próprio cesto. Todo apóstolo na Igreja distribui da plenitude de Cristo” (LANCELLOTTI; BOCCALLI, 1983, p. 109). Os discípulos devem dar continuidade à partilha dos bens divinos. Todo discípulo é possuidor da abundância de Deus, para suprir as necessidades do povo.

Logo, a simbologia da sobra dos doze cestos, remete a um exercício não acabado. Jesus não mostra, somente naquele momento, como devem agir os discípulos, mas ensina-os a seguir partilhando aquilo que possuem. Assim Jesus mostra-nos que o Reino de Deus é construção ininterrupta de novas relações, com base na dignidade e na partilha e como filhos de Deus, em Cristo Jesus, no Espírito Santo, somos multiplicadores da vivência messiânica.

E mais, devemos compreender que nada diz sobre o povo ter vindo até Jesus para pedir pão. Diz que o povo seguia, vinha no anseio de encontrar a Jesus anunciado pelos discípulos. O maior milagre não está tão simplesmente na partilha do pão. Jesus consegue oferecer muito mais do que pão. E é isso que satisfaz a multidão.

Os discípulos também têm grande participação neste milagre. Milagre da multidão seguindo Jesus e partilhando o pão. Poderíamos perguntar-nos: o que é mais difícil? Arrumar pão para alimentar cinco mil pessoas? Ou cativar cinco mil pessoas, segundo o Evangelho – homens, para ouvir a Palavra de Deus, sentar-se despreocupadas com o tempo, com o anoitecer e doar tempo para Jesus e depois, organizadas, poderem partilhar o pão? A vida de Jesus, anunciada com convicção pelos discípulos, cativa multidões. E quando as pessoas vêm ao encontro de Jesus, enquanto os discípulos sentem-se perdidos, Ele sabe muito bem o que fazer. Oferece tudo que tem para satisfazer os anseios e necessidades do povo.

Sendo nós continuadores dessa grandiosa obra de comunhão e de libertação, por meio de Jesus, também

devemos acolher, sentir as dificuldades da humanidade e com ela, em Deus, encontrar o caminho de salvação. Salvação como luta constante por libertação e humanização das relações. Salvação, como construção de um novo Reino, não em outro tempo e espaço, mas, aqui e agora, acolhendo as necessidades e anseios da humanidade.

> Esta salvação se realiza por meio de uma libertação da escravidão do mal: doença, medo, morte, mentira, violência, injustiça. Libertação que tem como protagonista Jesus, homem livre, subtraído ao fatalismo do medo e do mal, ele arrebata da escravidão do mal as pessoas que encontra. Mas, ao mesmo tempo, comunica a quem se abre na fé a possibilidade de reconstruir a partir de dentro um projeto novo: o homem plenamente disponível para o amor fiel e generoso. Jesus é o modelo e o projeto exemplar realizado este homem novo (FABRIS; MAGGIONI, 1992, pp. 18-19).

CONCLUSÃO

Antes de aprofundar este tema, neste trabalho sobre as tentações de Jesus, jamais imaginaríamos a dimensão dessas tentações sobre a vida de Jesus, toda sua abrangência e o seu significado. No entanto, percebe-se que as tentações abordam profundamente a dimensão social, política, cultural e religiosa vivida por Jesus.

Podemos, assim, a partir do estudo realizado, perceber que as tentações são realidades concretas que Jesus vai conhecendo, compreendendo e sobre as quais vai rezando, refletindo e agindo. Jesus firma-se diante das tentações e essas lhe ratificam como Filho de Deus, uma vez que Ele não cede a elas, mas confia no plano do Pai, o único Deus. A luz do Espírito o orienta. Quanto mais fortemente e confiante Jesus se coloca diante do diabo, mais seguro em Deus Ele está, pois, a força de Jesus vem de Deus.

As tentações vão forçando o discernimento de Jesus sobre sua missão. Os desafios exigem resposta. Resposta concreta e propositiva. Na confiança e escuta do Pai e sob a luz do Espírito, Jesus recebe a força para agir em favor da humanidade toda e não de um sistema opressor e alienante, proposto pela tentação.

A nova proposta de Jesus é para todos. Chama todos à dignidade e a assumir o projeto de Deus com responsabilidade. Ensina-nos a confiar sempre em Deus e agir segundo a vontade de Deus. A promover o Reino de Deus aqui e agora e não em outro tempo e outra realidade. A construção do céu acontece hoje, entre nós.

Por fim, alegra-nos muito chegar à conclusão deste trabalho, sabendo que as abordagens sobre o tema podem ir muito além. Pois, o assunto parece-nos inesgotável e, ao mesmo tempo, cativante. Além de perguntarmos pelos motivos do diabo tentar Jesus, devemos compreender as tentações como grande lição. Uma lição de Jesus no seu modo de agir diante das dificuldades e dos desafios.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **A Bíblia TEB**. São Paulo: Loyola, 1995.

BOFF, Lina. **Espírito e missão na obra de Lucas – Atos**: Para uma Teologia do Espírito. São Paulo: Paulinas 1996.

CASALEGNO, Alberto. **Lucas**: A caminho com Jesus missionário. São Paulo: Loyola, 2003.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos (II)**. São Paulo: Loyola, 1992, pp. 9-247.

LANCELLOTTI, Angelo. **Comentários ao Evangelho de Mateus**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____; BOCCALI, Giovanni. **Comentário ao Evangelho de São Lucas**. Petrópolis: Vozes, 1983.

LEITE, José Otacílio. As tentações de Jesus em tempos de neoliberalismo e pós-modernidade. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 62, n. 246, pp. 307-328, abr. 2002.

L'EPLATTENIER, Charles. **Leitura do Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulinas, 1993.

MAZZAROLO, Isidoro. **Evangelho de São Mateus**: Ouvistes o que foi dito...? Eu, porém, vos digo...! Coisas velhas e coisas novas. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2005.

_____. **Lucas**: A antropologia da salvação. Porto Alegre: Comunicação Impressa, 1999.

_____. **Lucas**: A antropologia da salvação. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2004.

MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes. **O avesso é o lado certo**: Círculos Bíblicos sobre o Evangelho de Lucas. São Paulo: Paulinas, 1998.

MORRIS, Leon Lamb. **Lucas**: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1986.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **Jesus Cristo nos quatro Evangelhos**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

STÖGER, Alois. **O Evangelho segundo Lucas (I)**. Petrópolis: Vozes, 1973.

O presente trabalho aborda o tema do messianismo de Jesus como um caminho alternativo frente às tentações. O ponto de partida do estudo é a perícope do Evangelho de Lucas – 4,1-13. Encontramos aí o relato das tentações a Jesus, as dificuldades encontradas e suas respostas. Essas respostas, provindas da Sagrada Escritura, mostram a relação confiante e afinada de Jesus com o Pai e com o Espírito. Além disso, questionam as propostas apresentadas nas tentações. E, em plena comunhão com Deus e compassivo com o povo (Lc 11,1-4), como caminho alternativo, Jesus vivencia e testemunha o projeto de libertação de Deus na e para a humanidade toda. Jesus mostra-nos não somente por palavras, mas também pela sua vida e sua prática qual é e como se consolida o plano amoroso de Deus com a humanidade (Lc 9,10-17). Plano esse, vivido por Jesus e ensinado aos discípulos e a todos os seus seguidores.

ISBN: 978-65-88060-13-1
CL
9 786588 060131